

Sabrina Guerreiro Caldeira



A percepção dos pais sobre a construção da autoestima dos filhos

Orientador: Prof. Doutor Pedro Cunha

Dissertação de Mestrado

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

2022

Sabrina Guerreiro Caldeira



A percepção dos pais sobre a construção da autoestima dos filhos

Orientador: Prof. Doutor Pedro Cunha

Dissertação de Mestrado

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

2022

Sabrina Guerreiro Caldeira

A percepção de pais sobre a construção da autoestima dos filhos

Sabrina G. Caldeira

**Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa
como parte dos requisitos para obtenção do grau de
Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, sob a
orientação do Professor Doutor Pedro Cunha.**

Resumo

O presente estudo qualitativo buscou identificar através da percepção de 6 mães portuguesas se existia relação entre a autoestima delas e o modelo parental em que foram criadas para a formação da autoestima de seus filhos. A amostra selecionada é composta por mulheres entre 34 e 46 anos em que pelo menos um dos filhos estivesse a frequentar o 1º ciclo em uma escola de Portugal. A pesquisa foi realizada no formato *online* e foram aplicados um Questionário de Caracterização Sociodemográfico, a Escala de Autoestima de Rosenberg (*Rosenberg Self-Esteem Scale – RSES*; Rosenberg, 1965a) validado por Santos (2008), o Questionário de Estilos e Dimensões Parentais- Versão Reduzida (*Parenting Styles and Dimensions Questionnaire - Short Form*) validado por Miguel, Valentim & Carugati (2009) e um Guião de Entrevista Semiestruturado de 11 questões realizado através da plataforma *Google Meet*. Os resultados revelaram que todas as mães aplicam o modelo de educação parental autoritativo. A maior parte delas foi criada por outro modelo parental e não desejam repetir os comportamentos dos pais na educação dos filhos. Demonstraram estar desenvolvendo uma autoestima elevada nos filhos utilizando conversas sobre a escola e exemplos de vida como forma de promoção da mesma. Realizaram estudos sobre parentalidade na gravidez. A maioria apresentou autoestima baixa na infância e adolescência e elevada na atualidade. As variáveis idade, escolaridade e estado civil e contexto social não evidenciaram diferenças significativas nos relatos. Os resultados vão ao encontro de grande parte das pesquisas que tratam da importância do modelo autoritativo na construção da autoestima. Amostra reduzida, ausência de presença masculina na mesma e a possibilidade de existência do viés de desajustabilidade social nas respostas das mães constituem algumas das limitações nesta investigação. Espera-se que novos estudos na população portuguesa possam ser realizados com o intuito de aplicar intervenções que contribuam para o desenvolvimento saudável da autoestima de crianças e adolescentes.

Palavras-Chave: Desenvolvimento da autoestima; Modelos parentais; Parentalidade positiva; Práticas parentais; Programas parentais.

Abstract

The present qualitative study sought to identify through the perception of 6 Portuguese mothers if there was a relationship between their self-esteem and the parental model in which they were raised to form their children's self-esteem. The sample selected is made up of women between 34 and 46 years old in which at least one of the children was attending the 1st cycle in a school in Portugal. The research was carried out online and a Sociodemographic Characterization Questionnaire, the *Rosenberg Self-Esteem Scale* (RSES; Rosenberg, 1965a) validated by Santos (2008), the *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire - Short Form* validated by Miguel, Valentim & Carugati (2009) and a Semi-structured Interview Guide with 11 questions carried out through the *Google Meet* platform were applied. The results revealed that all mothers apply the authoritative parenting model. Most of them were raised by another parenting model and do not wish to repeat their parents' behaviors in raising their children. They demonstrated that they are developing high self-esteem in their children by using conversations about school and life examples as a way of promoting it. They carried out studies on parenting in pregnancy. Most of them presented low self-esteem in childhood and adolescence, and high self-esteem nowadays. The variables age, education, marital status and social context did not show significant differences in the reports. The results are in agreement with most of the researches that deal with the importance of the authoritative model in the construction of self-esteem. The small sample, the lack of male presence in it, and the possibility of social desirability bias in the mothers' answers are some of the limitations of this research. It is expected that further studies in the Portuguese population can be carried out in order to apply interventions that contribute to the healthy development of self-esteem in children and adolescents.

Key words: Development of self-esteem; Parenting models; Positive parenting; Parenting practices; Parenting programs.

Dedicatória

Dedico este trabalho a muitas pessoas, mas em especial a TODOS da minha família, minha base, meu suporte, minha razão de existir!

Terei que enfatizar alguns aqui e espero que os demais amados não fiquem tristes comigo. Amo e agradeço por cada um de vocês na minha vida!

Bruna, minha filha, você é minha luz, minha razão de continuar sempre, por você faço tudo!

Robson, meu companheiro, parceiro, amigo e amor da minha vida, obrigado pelo teu carinho e dedicação em cada detalhe e pela paciência de ler 200 vezes o que escrevi. Te amo.

Noemi minha querida mãe, obrigado pelo teu amor e incentivo sempre em meus estudos. Você é uma inspiração.

Tatiana, minha irmã, pelo seu apoio emocional em todas as fases da minha vida e por seu inglês. Te amo mana.

Meu pai Marcus que passou por problemas graves de saúde durante esse trabalho e está 100% pra gente comemorar muito. Amo você e a vovó Carminha!

A toda a minha família no Brasil que sempre torce por mim como meu Sogro Mário, minha Sogra Eronilta, meus compadres e comadres e todos queridos que tenho muita saudade.

Dedico também a minhas duas amigas amadas psicólogas.

Vanessa Bulcão você me ajudou em cada detalhe deste trabalho, és uma pesquisadora nata e uma amiga ESPETACULAR. Obrigado pela parceria sempre!

Laura, você é luz por onde passa, minha primeira amiga aqui e que uniu nós três!

Luke, meu amado cão, obrigado pelos pedidos de cólo e por todos os momentos que me fazias rir quando eu queria me desesperar.

Obrigado a todos os familiares e amigos que tiveram a compreensão de lidar com minha ausência!

Agradecimentos

Gostaria de agradecer profundamente ao meu orientador Professor Doutor Pedro Cunha pela paciência, dedicação e empenho em me auxiliar nesta jornada árdua para realizar esse estudo. Sua gentileza e sabedoria ficarão sempre nas minhas lembranças. Obrigado!

“Tenha uma boa ideia, fique com ela, leve-a com você e trabalhe nela até conseguir e acertar”.

Walt Disney

Índice

Introdução.....	13
1 Enquadramento Teórico.....	17
1.1 Autoestima.....	17
<i>1.1.1 Conceitos de autoestima.....</i>	<i>17</i>
<i>1.1.2 Desenvolvimento da autoestima: da infância à vida adulta.....</i>	<i>20</i>
1.2 Parentalidade.....	24
<i>1.2.1 Conceito de Parentalidade.....</i>	<i>24</i>
<i>1.2.2 Parentalidade Positiva.....</i>	<i>25</i>
<i>1.2.3 Estilos ou modelos parentais e suas características.....</i>	<i>26</i>
<i>1.2.4 Parentalidade Positiva e Construção de Autoestima.....</i>	<i>29</i>
2 Método.....	31
2.1 Objetivos do Estudo.....	31
2.2 Método e técnicas de investigação.....	32
2.3 Instrumentos.....	33
2.4 Procedimentos.....	35
2.5 Participantes.....	36
3 Análise de Dados.....	41
3.1 Codificação.....	41
3.2 Categorização.....	43
3.3 Análise e Discussão dos Resultados.....	44
<i>3.3.1 Categoria 1: Comportamentos utilizados para auxiliar no desenvolvimento da autoestima dos filhos.....</i>	<i>44</i>

3.3.2 Categoria 2: Diferenças e similaridades entre o Modelo parental da família de origem e a família atual.....	51
3.3.3 Categoria 3: Conceitos sobre autoestima.....	57
Conclusões.....	65
Referências Bibliográficas.....	70
Anexos	
Anexo A: Declaração Comissão Ética.....	81
Anexo B: Declaração de Assentimento Informado.....	82
Anexo C: Questionário de Caracterização Sociodemográfico.....	84
Anexo D: Escala de Autoestima de Rosenberg Validado para a população portuguesa por Santos (2009).....	87
Anexo E: Questionário de Estilos e Dimensões Parentais Validado para a População Portuguesa por Miguel, Valentim & Carugati (2009).....	90
Anexo F: Guião de Entrevista Semiestruturado.....	99
Anexo G: E-mail de Autorização de Utilização da Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES).....	100
Anexo H: E-mail de Autorização de Utilização do Questionário de Estilos e Dimensões Parentais- Versão Reduzida.....	103
Anexo I: Declaração de Aceitação do Orientador.....	105
Lista de Tabelas	
Tabela 1 Características Sociodemográficas dos participantes.....	38
Tabela 2 Resultados da Escala de Autoestima de Rosenberg.....	39
Tabela 3 Resultados Questionário de Estilos e Dimensões Parentais - Versão Reduzida (Parenting Styles and Dimensions Questionnaire - Short Form).....	40

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

<i>Tabela 4 Códigos.....</i>	42
<i>Tabela 5 Categorias.....</i>	43

Introdução

O relatório do Status Global sobre Prevenção de Violência contra Crianças 2020, realizado em 155 países, apontou que metade das crianças do mundo sofrem algum tipo de violência física, sexual e psicológica regularmente. Em quase 88% dos países existem legislações de proteção contra os menores, mas apenas 47% aplicam essas leis. O documento revela ainda que existem muitos casos de homicídios de crianças e adolescentes até 19 anos e que 40 mil crianças foram vítimas de crimes em 2017 (ONU, 2020). Estes dados demonstram que mais de 1 bilhão de crianças são vítimas de violência por ano no mundo e retratam que os países ainda não conseguiram estabelecer estratégias eficazes para proporcionar proteção para que elas possam se desenvolver plenamente. Com a pandemia COVID-19 a situação ficou ainda mais dramática pois, com o fechamento das escolas, limitaram-se as fontes de apoio as famílias como amigos, familiares e profissionais, o que acarretou que as crianças ficassem mais expostas a agressores. Houve aumento às chamadas de linhas de ajuda com ocorrências de abuso infantil e violência por parceiro íntimo. Da mesma forma as crianças foram mais expostas à internet e o aumento de casos de *cyberbullying*, comportamento de risco *online* e exploração sexual também foram evidenciados (Reis & Coelho, 2020).

Observando mais profundamente o cenário de Portugal é possível verificar os números do Relatório Anual da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima - APAV 2020, focando especificamente nos atendimentos às crianças e jovens. Os dados apontam que 1841 foram vítimas de algum tipo de violência em 2020, o que demonstram 35 ocorrências por semana, ou ainda pior, 5 registros de violência diariamente. O perfil das crianças e jovens que sofrem violência encontra-se, maioritariamente, no gênero feminino (59,7%), com média de 10 anos de idade, 14,9% estão no 2º ciclo e, 14,5% estão no 1º ciclo, e 33.1% dos autores dos crimes eram um dos pais, maioritariamente o pai (APAVa, 2020; APAVb,2020).

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Em um caminho completamente oposto a violência, encontramos na literatura diversas evidências que apontam que uma prática parental respeitosa e positiva é promotora de autoestima na infância e adolescência. Um exemplo disso é o estudo de Wendt e Appel-Silva (2020) que ao estudar 454 adolescentes, de ambos os sexos, entre 11 e 17 anos conseguiram encontrar achados de investigação que reforçam que os comportamentos emitidos pelos pais na educação dos seus filhos podem estar associados tanto com desfechos negativos (depressão), como com desfechos positivos (bom desenvolvimento da autoestima).

Outro estudo que apoia a relação positiva entre praticas parentais e autoestima foi o de Schavarem e Toni (2019), realizado com 60 crianças ente 9 e 11 anos, de ambos os sexos. Os resultados demonstraram diferenças significativas entre a autoestima dos meninos e das meninas. Foram encontradas correlações negativas entre a negligência paterna e a autoestima dos meninos, e a disciplina relaxada materna a autoestima das meninas. Tanto a negligência quanto a disciplina insuficiente mostraram-se com poder de predição da autoestima de meninos e meninas, respetivamente. Como resultado o estudo verificou que práticas educativas influenciam na autoestima da criança, indicando a possibilidade de construção de orientações específicas aos pais sobre práticas educativas que possam contribuir para o desenvolvimento da autoestima de crianças.

Dentro desta perspectiva justificou-se a realização deste estudo sob três aspectos o científico, o social e o pessoal. Na sua relevância para ciência percebe-se que o tema é amplamente estudado e seus benefícios contemplam não só a população portuguesa, mas trazem evidências de que a parentalidade positiva traz benefícios ao desenvolvimento da autoestima de crianças e adolescentes em investigações por todo o mundo. Um estudo transcultural entre Espanha, Portugal e Brasil proposta por Martinez et al (2020) realizado com 2091 adolescentes (793 de Espanha, 695 de Portugal e 623 do Brasil) entre 12 e 17 anos identificou qual dos 4 estilos parentais (autoritativo, autoritário, indulgente e negligente) oferecem maior internalização de valores e autoestima. Os resultados evidenciaram que os estilos parentais

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

autoritativo e indulgente, ambos com pais afetuosos, promoveram melhor internalização de valores nos três países. O estilo indulgente (que usa mais amorosidade) foi o que mais pontuou associado a elevada estima, e a seguir dele o estilo autoritativo (que usa mais a amorosidade e rigor). As variáveis avaliadas no estudo independem da cultura, do sexo e da idade dos participantes.

Na dimensão social este trabalho encontrou respaldo em uma pesquisa que buscou auxiliar a comunidade a desenvolver estratégias de educação parental que mostram evidências científicas de que uma educação parental autoritativa promove mais benefícios ao desenvolvimento da criança, tal como proposto classicamente por Baumrind (1966). A intervenção de Lima (2018) utilizou a aplicação de um programa de 10 semanas chamado TRIPLO P com 54 mães portuguesas, de crianças entre 3 e 12 anos, em situação de risco psicossocial e que viviam em situação de carência econômica. Os resultados do programa apontaram que as mães que usaram práticas mais positivas com seus filhos envolveram-se mais em atividades com a criança, sentiram-se mais competentes, reportaram menos problemas emocionais, menos hiperatividade e menos problemas com os pares nos filhos.

No plano pessoal a justificativa surgiu desde o princípio de minha carreira na área clínica na psicologia, pois sempre fiquei intrigada do porquê pessoas inteligentes e com profundo potencial tinham enorme dificuldade em ocupar espaços de carreira, desenvolver relacionamentos afetivos saudáveis ou frequentar ambientes sociais que deveriam pertencer a elas. Tal fato levou-me a refletir e estudar profundamente o desenvolvimento neurocognitivo e emocional dos pacientes e encontrei na terapia cognitivo-comportamental e sua afinidade intrínseca com as neurociências alguns caminhos que faziam sentido. A resposta, em minha insignificante visão, é multifatorial, mas entre as dificuldades mais comuns apontadas pelas pessoas encontrava-se o fato de possuírem uma autoestima baixa em razão de experiências dolorosas vividas na infância e adolescência. De todas as marcas emocionais traumáticas, as mais profundas, eram as que foram desencadeadas pelas experiências no convívio familiar. Sendo assim, este estudo não só buscou investigar as evidências científicas que tanto desejei encontrar como

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

respostas às situações com que me deparei na minha prática, mas também possibilidades de encontrar estratégias que possam ser executadas para evitar danos à autoestima das futuras gerações.

Estes são apenas alguns estudos, entre outros presentes nesta pesquisa que trazem à reflexão sobre como os pais e mães estão realizando a prática de educar seus filhos. Poucos estudos na população portuguesa foram encontrados associando a relação entre o desenvolvimento da autoestima com modelos parentais, mas vários estudos atuais pelo mundo enfocam a importância de estudar essa relação e outras variáveis importantes como controle da raiva, regulação emocional (Neppl et al, 2020), melhor desempenho acadêmico (Deng & Tong, 2020), entre outros, que estão presentes nesta investigação associadas a autoestima e o alicerce parental positivo.

Neste contexto, esta dissertação que segue uma abordagem qualitativa, através da análise da percepção de 6 mães portuguesas com pelo menos um filho no 1º ciclo de estudos em Portugal, desejou investigar se existia relação entre a autoestima delas e o modelo parental que foram criadas para a formação da autoestima de seus filhos. Para desvendar essa resposta os sujeitos se dispuseram a responder uma escala e três questionários de forma *online*. Os resultados apontaram que a relação entre autoestima e modelos parentais existe. Todas apresentaram autoestima elevada e aplicam o modelo de educação parental autoritativo. A maioria foi socializada em outro modelo parental e não tencionam repetir com seus filhos a maior parte dos comportamentos realizados pela família de origem. Como estratégias para desenvolver uma autoestima elevada nos filhos utilizam conversas sobre a escola e exemplos de vida como forma de promoção da mesma. Realizaram estudos sobre parentalidade na gravidez e na atualidade somente uma segue estudando. A maioria apresentou autoestima baixa na infância e adolescência e elevada na atualidade. As variáveis, idade, escolaridade e estado civil e contexto social não evidenciaram diferenças significativas nos relatos. Os achados concordam com a maior parte dos achados em pesquisas mundiais que falam da importância do modelo autoritativo na construção da autoestima.

1 Enquadramento Teórico

1.1 Autoestima

1.1.1 Conceitos de autoestima

Encontram-se diversos autores desejando compreender e investigar a autoestima e como ela se desenvolve desde os primórdios da psicologia e em áreas afins. Orth & Robins (2022), importantes pesquisadores da atualidade sobre o tema, definem a autoestima como um construto subjetivo e não reflete necessariamente as características e competências objetivas de uma pessoa. É importante distinguir autoestima de narcisismo, pois ambos os conceitos abrangem autoavaliações positivas. Enquanto a autoestima se refere a sentimentos de autoaceitação e respeito próprio, o narcisismo é caracterizado por sentimentos de superioridade, grandiosidade, direito e egocentrismo. Os autores revelam ainda que a autoestima é caracterizada por global ou de domínio específico. A autoestima global refere-se à avaliação geral de um indivíduo sobre seu valor, a autoestima de domínio específico refere-se à avaliação de um indivíduo acerca de suas características e habilidades em domínios específicos, como relacionamentos sociais, escola e aparência física.

Um dos constructos mais antigos que pôde ser encontrado sobre autoestima advém dos estudos de James (1890) quando ele define que existe um certo “auto-sentimento” presente em todos nós ao longo da vida (Orth, 2018).

Rosenberg (1965b), um importante autor do tema e criador de um dos mais importantes inventários de autoestima define o termo como uma avaliação que o indivíduo faz sobre si mesmo, que se expressa numa atitude positiva ou negativa em função de si, em que este aprova ou não o resultado. Explica que uma autoestima elevada implica que o indivíduo sinta que tem valor e inclui a dimensão dos sentimentos positivos que tem sobre si. Por outro lado, uma baixa autoestima é originada por uma diminuição do indivíduo perante si próprio, através de uma autoavaliação negativa. A autoestima inclui sentimentos de autoaceitação e uma atitude positiva em relação a si mesmo, mas não implica

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

necessariamente que o indivíduo se sinta superior aos outros. Para Sbicigo, Bandeira & Dell'Aglio(2010) é também um instrumento unidimensional capaz de classificar o nível de autoestima em baixo, médio e alto. A baixa se expressa pelo sentimento de incompetência, inadequação e incapacidade de enfrentar os desafios; a média é caracterizada pela oscilação do indivíduo entre o sentimento de aprovação e rejeição de si; e a alta consiste no autojulgamento de valor, confiança e competência.

Coopersmith (1981) define autoestima como à avaliação que a pessoa faz e mantém em relação a si que acaba por refletir em uma atitude de aprovação ou desaprovação, ou seja, ela indica a extensão em que o indivíduo acredita em si próprio como capaz, significativo e com valor.

O conceito proposto por Maslow (2012) se refere a necessidade de autoestima ou autorrespeito. Esse é definido pela imagem que a pessoa tem de si e o desejo que possui de obter a estima dos outros (Sampaio, 2009). Maslow (2012) desenvolveu a Teoria da Motivação Humana e compreendeu a autoestima como parte de um processo de aquisições, uma etapa. Ele sugeriu que as pessoas têm um conjunto de 3 categorias de necessidades, organizadas por prioridade – fisiológicas, de segurança, sociais, de estima e de realização pessoal – sendo que, quando um nível de necessidades for satisfeito, passa-se automaticamente ao nível seguinte (Fernandes, 2014). Desta forma no que diz respeito ao status motivacional, o principal construto da teoria de Maslow (2012) é de que as pessoas saudáveis têm a capacidade de serem suficientemente gratificadas em suas necessidades básicas de segurança, pertencimento, amor, respeito e autoestima, de modo que são motivadas principalmente por tendências de autorrealização. Tal tendência pode ser definida como a capacidade do indivíduo de atualização contínua de potenciais, capacidades e talentos, como cumprimento da missão (ou chamado, destino, destino ou vocação), onde a pessoa aceita a própria natureza intrínseca como uma tendência incessante para a unidade e integração dentro de si.

Seligman (2002), criador da psicologia positiva, relata que sentimentos de autoestima e felicidade só se desenvolvem como efeito colateral do sucesso na vida. Por mais maravilhosos que os

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos sentimentos de autoestima possam ser, tentar desenvolvê-los antes de conseguir um bom relacionamento com o mundo seria uma tarefa improvável.

De acordo com Nunes et al (2019), verifica-se que autoestima é um conceito que se refere ao pensamento que o indivíduo faz acerca de si. A sua formação está ligada a uma construção cognitiva, ou seja, pensamentos que a pessoa tem sobre ela mesma, e afetiva, que se expressam nas atitudes positivas ou negativas em relação aos acontecimentos circundantes. Na sua compreensão global um indivíduo com uma autoestima saudável possui confiança na capacidade de pensar e enfrentar os desafios e confiança no direito à sua felicidade, a ser admirado e a expressar suas necessidades e carências. Contrariamente, indivíduos com baixa estima apresentam tendência a generalização, pensamento dicotômico e absolutista, filtro negativo, autoculpabilização, personalização e reação emocional ou pouco racional.

Orth (2018) revela em seu estudo longitudinal realizado nos EUA com 8711 participantes os resultados que averiguou acerca da autoestima dos mesmos, semestralmente, dos 8 aos 27 anos. Durante os primeiros 6 anos de vida dos participantes, avaliações semestrais de suas mães forneceram informações sobre a qualidade do ambiente doméstico (abrangendo qualidade dos pais, estimulação cognitiva e ambiente físico do lar), qualidade do relacionamento parental, presença do pai, depressão materna e situação de pobreza da família. Os achados sugeriram que o ambiente familiar na primeira infância predisse significativamente a autoestima à medida que as crianças cresciam. Embora os efeitos tenham se tornado menores com a idade, os efeitos ainda estavam presentes durante a idade adulta jovem. Os maiores impactos se referiram a qualidade do ambiente doméstico. Além disso, os efeitos do ambiente doméstico, presença do pai e pobreza são duradouros no curso temporal dos 8 aos 27 anos. Por fim, a qualidade do ambiente doméstico foi parcialmente responsável pelos efeitos dos outros preditores.

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Brummelmann et al (2022), outro autor contemporâneo do tema, pesquisou sobre similaridade e diferenças entre autoestima e narcisismo e definiram que a autoestima é caracterizada pela redução, enquanto o narcisismo é caracterizado pelo aumento das preocupações sócio avaliativas. Desta forma, no referente a autoestima elevada, é possível elencar as seguintes características nas crianças: geralmente estão satisfeitas consigo mesmas, se veem dignas e tendem a supor que os outros os valorizam por quem são, mesmo não correspondendo às expectativas dos outros; tendem a acreditar que os outros as valorizam incondicionalmente e a se apegar com segurança aos outros; no ambiente social acabam por não temer as avaliações de outras pessoas sobre elas.

1.1.2 Desenvolvimento da autoestima: da infância à vida adulta

Na meta-análise de Orth, Erol & Luciano (2018) sobre o desenvolvimento da autoestima dos 4 aos 94 anos verificou-se que as pessoas variam a autoestima de forma sistemática e normativa ao longo da vida. Os estudos analisados englobaram os seguintes países: 60% das amostras eram dos Estados Unidos, 8% da Alemanha, 4% da Austrália, 4% do Canadá, 4% da Holanda, 4% da Suíça, 3% da China, 2% da Bélgica, 2 % da Finlândia, 2% do Reino Unido e os restantes 6% de outros países. Com base em dados longitudinais de 331 amostras independentes com mais de 160.000 indivíduos no período de 1975 a 2016 foi encontrado que na infância os níveis médios de autoestima diminuem na transição da primeira para a meia infância (4 a 8 anos de idade) como consequência do desenvolvimento dos avanços sociocognitivos, como a capacidade de distinguir entre o eu real e o ideal e a capacidade de usar informações de comparação social. Vale destacar que os estudos não avaliaram autoestima global da criança, mas sim habilidades acadêmicas e relacionadas com colegas. Na adolescência, a autoestima declina na transição da infância para a adolescência (por volta dos 11-13 anos) e começa a se recuperar na adolescência média (por volta dos 15 anos). No intervalo que corresponde ao final da adolescência (16 anos), adulto jovem e adulto (até os 51 anos), observa-se um aumento da autoestima. Na velhice, os

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

achados encontrados identificaram um declínio da autoestima, tendo um leve aumento entre os 60 e 70 anos e um declínio mais significativo dos 90 aos 94 anos.

Coopersmith (1967) define que crianças não nascem preocupadas em serem boas ou más, espertas ou estúpidas, amáveis ou não. Elas desenvolvem estas ideias a partir do ambiente formando sua autoimagem a partir da forma como são tratadas por pessoas significativas como pais professores e amigos. O autor também desenvolveu um inventário de autoestima o *Self Esteem Inventory* (Coopersmith, 1981) e foi validado para população portuguesa por Janeiro (2008). De acordo com o instrumento criado pelo autor a autoestima pode variar ao longo de diferentes áreas de experiência elencando quatro domínios para a mesma: autoestima escolar, autoestima familiar, autoestima social e as referências gerais do *Self*.

Harter (2012), reconhecida por seus estudos do desenvolvimento na infância e adolescência, classifica seis sub-estágios da construção do self: primeira infância (2-4 anos), primeira à meia infância (5-7), meia-idade à última infância (8-10), primeira adolescência (11-13), meia adolescência (14-10). 16 e adolescência tardia (17-19). Para a autora o self é uma construção cognitiva e social. À medida que os processos cognitivos passam por mudanças oriundas do desenvolvimento, o mesmo ocorrerá com a estrutura e organização das autorrepresentações que as crianças e adolescentes fazem a respeito de si mesmas. Cada período de desenvolvimento e a forma como é experienciada ditará as características do autorretrato do sujeito. Para a autora o eu é uma construção social, fruto das interações das crianças e adolescentes com os pais, colegas, professores e aqueles no contexto sociocultural mais amplo influenciam o conteúdo particular e a valência das autorrepresentações destes indivíduos.

Chung et al (2017) em seu estudo longitudinal de 20 anos acompanhando uma amostra de mulheres alemãs dos 9 aos 29 anos e verificou a autoestima das mesmas ao longo deste tempo, principalmente avaliando as características de personalidade como timidez e agressividade. Em outros estudos longitudinais, ambas as características foram preditivas de baixa estima na vida adulta. A

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

timidez esteve associada a baixas interações sociais, desde a infância à vida adulta, o que vem a repercutir na baixa estima. Já com relação à agressividade percebe-se baixa aceitação de outras crianças, menores probabilidades de terem amigos e tendência a serem mais solitárias que as demais. Na adolescência apresentam baixos níveis de satisfação com a vida e altos níveis de ansiedade e depressão o que se perpetua também até a vida adulta. Para a avaliação das mulheres se utilizou vários instrumentos em uma abordagem multi-método através de avaliações de pais, professores e observadores em ambientes de laboratório e de campo através do *Self-Perception Profile for Children* (Harter, 1985) e do *Self-Description Questionnaire III* (Marsh & O'Neill, 1985). Como resultado os autores encontraram os achados de outros estudos no que se refere ao comportamento da autoestima ao longo do desenvolvimento: alta na infância, baixa na adolescência e alta na vida adulta. A correlação de baixa estima com timidez e agressividade, não foi confirmada.

Para Feliciano e Afonso (2012) a autoestima na adolescência se mostra um conceito extremamente dinâmico pois ao longo do tempo e das circunstâncias se altera e se remodela. A diminuição da autoestima no início desta fase pode ser explicada pela crescente noção de realismo que os indivíduos adquirem ao longo do tempo, por oposição a uma autoavaliação positiva e irrealista característica da fase anterior, a infância. Com a entrada na adolescência, devido considerável desenvolvimento cognitivo e as aquisições das operações formais surgem como novas possibilidades para se lidar com informação, resultantes da habilidade de abstração tão característica desta etapa. Tal capacidade permite que o adolescente pense sobre ele próprio e que desenvolva a percepção de si, que são nesta fase, mais propícias a distorções e a enviesamentos cognitivos.

Imran e Jackson (2022), em seu recente estudo sobre adultos jovens, definem os mesmos como atravessando uma fase do desenvolvimento de transição entre o final da adolescência e o início da idade adulta. É considerada indispensável para o desenvolvimento da identidade e exploração de relacionamentos. Por se tratar de um momento complexo na forma de se relacionar com o mundo, os

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

adultos jovens podem vivenciar uma maior instabilidade emocional e uma autoavaliação negativa. Nas duas últimas décadas esta população recebeu maior atenção em estudos científicos e verificou-se que jovens adultos apresentam maior vulnerabilidade em saúde mental no mundo todo apresentando sintomas de depressão, ansiedade e sofrimento psicológico. Esta investigação realizada no Reino Unido com 452 jovens entre 18 e 25 anos apontou a relação entre apego seguro primário (pais e primeiros cuidadores) e secundário (irmãos, amigos e parceiros românticos) através da autoestima, gerando implicações importantes para estratégias preventivas e de intervenção para diminuir o sofrimento psicológico entre adultos jovens.

Na fase adulta o indivíduo se avalia a partir dos pensamentos e sentimentos internalizados e se avalia como bom ou mau sujeito acabando por desenvolver processos de rejeição ou de aceitação. Psicólogos da linha comportamental consideram que a baixa autoestima tem origem no controle aversivo do comportamento, quando todas ou a maior parte das atitudes do indivíduo são criticadas, desencadeando inibição e medo de se expor (comportamento de fuga e esquiva). O sujeito se considera inferior e despreparado para a competitividade existente no mundo, desenvolvendo sentimentos negativos em relação à sua pessoa, quando observado e julgado pelos grupos sociais a que pertence. A baixa autoestima pode permanecer inalterada durante muito tempo da fase adulta, e pode indicar se o indivíduo está adaptado ou não à sociedade (Schultheisz & Aprile, 2013).

Na velhice, Orth, Erol & Luciano (2018) comentam que na perspectiva teórica neo-socioanalítica a autoestima diminui, pois frequentemente envolve a perda de papéis sociais em decorrência da aposentadoria e, possivelmente, da viuvez. Além das mudanças nos papéis sociais, o envelhecimento muitas vezes leva a mudanças negativas e na busca de outras possíveis fontes de autoestima, tais como relacionamentos sociais, status socioeconômico, desenvolvimento de habilidades cognitivas, e saúde.

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

1.2 Parentalidade

1.2.1 Conceito de Parentalidade

O conceito de parentalidade tem se encontrado em constante mutação, mas na atualidade pode ser definido como um conjunto das atividades e processos que se convergem para cuidar, proteger, orientar e assegurar a sobrevivência, o bem-estar e o desenvolvimento pleno do indivíduo. Para tal, a qualidade da ação parental é fator fundamental na promoção, ou não, deste bem-estar na infância e está completamente relacionada a forma como pais e filhos interagem no que diz respeito ao comportamento das figuras parentais, sejam elas pais ou substitutos (Carvalho et al, 2019).

Tralhão et al (2020) definem que parentalidade não deve ser compreendida apenas como um processo biológico de inclusão de um recém-nascido à família, mas um processo maturativo que leva a uma reestruturação psicoafetiva que permite que dois adultos se tornem pais e sejam capazes de responder às necessidades físicas, afetivas e psíquicas dos seus filhos. É, portanto, um processo de transmissão de saberes, crenças e tradições para a promoção máxima do desenvolvimento da criança. Para sua realização o casal deve promover comportamentos de ajustamento no momento da gravidez, empreender ações para se tornar mãe e pai, internalizar expectativas familiares, de amigos e da sociedade em relação ao que é o comportamento adequado e inadequado no papel parental. Devem assumir as responsabilidades que cabem a esse papel e introduzir esse novo membro a unidade familiar. Ruiz-Zaldibar, Serrano-Monzó & Mujika (2018) apontam que a criança dos 2 aos 5 anos passa uma etapa crucial do desenvolvimento emocional, cognitivo, social, habilidade motoras e linguagem. É também nessa fase a aquisição de estilos de vida saudáveis e por essa razão os pais têm papel indispensável para promoção de saúde, pois uma parentalidade competente e positiva dependerá e será modulada pela forma como os pais lidam com seus recursos pessoais, a capacidade da criança e fontes sociais de estresse e apoio que ofereçam a elas.

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

1.2.2 Parentalidade Positiva

Cruz (2014) define a parentalidade positiva como um conjunto de ações parentais que criam as condições indispensáveis para uma criança se desenvolver dentro e fora da família. Tais condições incluem aquisição de capacidades emocionais, sociais, de comunicação, cognitivas, de resolução de problemas e do desenvolvimento de autonomia. Para tal é essencial a existência de um ambiente seguro, caloroso, responsivo, de aprendizagem estimulante, estruturado, existir consistência e clareza na estrutura familiar, a afirmação de limites, e a utilização de disciplina positiva e supervisão das ações dos filhos, tanto em relação as tarefas, atividades escolares, ao nível social, bem como tomar conta de si como pessoa. A Autora destaca 5 princípios para a prática da parentalidade positiva: 1) a capacidade de satisfazer as necessidades básicas; 2) a capacidade de atender as necessidades de afeto, confiança e segurança; 3) promoção de um ambiente familiar estruturado; 4) ambiente familiar positivo e estimulante e 5) oferecer supervisão as crianças e disciplina positiva.

Guisso, Bolze e Vieira (2019) assinalam que práticas parentais positivas estão associadas ao processo de cuidado e socialização dos filhos. Pais empenhados em uma comunicação aberta, expressão de afeto e que buscam resolução de problemas na educação, socialização e controle do comportamento infantil de forma construtiva, conseguem obter uma baixa frequência de comportamentos inadequados como agressividade, desrespeito às regras e birras. As práticas parentais positivas são também promotoras de bem-estar emocional, social, e desenvolvimento de habilidades e competências por parte das crianças e sentimento de maior eficácia por parte dos pais. Os autores complementam que as práticas parentais positivas estão associadas a recursos psicológicos dos pais e desenvolvem às características individuais da criança, em suas crenças e valores parentais. As interações do casal também são influenciadas pela forma como estes foram criados como filhos, ou seja, a literatura aponta para transmissão intergeracional e práticas parentais, ou seja, a forma como os pais

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

foram criados é repetida pelos filhos quando são pais, sendo esses padrões de perpetuação assimilados pela convivência familiar.

Estudos recentes sugerem que os pais interferem na estruturação do temperamento da criança e que a parentalidade positiva influencia na capacidade da criança de controle de esforço, uma vez que tal habilidade é importante para autorregulação emocional. O controle de esforço consiste em suprimir uma resposta dominante optando por uma resposta subdominante ou até suprimir um comportamento com o intuito de perceber erros e efetuar planejamentos. Sendo assim, pais que auxiliam os filhos a regular as emoções através do controle de esforço com expressões comportamentais calorosas e solidárias podem estimular as crianças a serem mais autorreguladas, e menos propensas a ficarem zangadas ou frustradas. A parentalidade de apoio está associada a menos comportamentos externalizantes e autocontrole na adolescência (Neppl et al, 2020).

1.2.3 Estilos ou modelos parentais e suas características

Os estilos ou modelos parentais como conhecemos hoje foram estabelecidos partir dos estudos da psicóloga do desenvolvimento Baumrind (1966). A autora definiu três modelos de controle parental nomeando-os: permissivo, autoritário e autoritativo. O modelo permissivo consiste naquele em que os pais se comportam de maneira não punitiva e recetiva diante das necessidades da criança. Acabam por exercer o papel de realizadores dos seus desejos da e não como um estilo parental que molda e direciona o seu comportamento. Já no modelo autoritário os pais se mostram menos sensíveis ao comportamento da criança de forma a controlar e avaliar as atitudes da criança a partir de regras absolutas que propõem. Este estilo exige obediência e é a favor de práticas punitivas quando os conflitos ocorrem e vão de encontro aos que os progenitores julgarem ser incorreto. Por fim, o modelo autoritativo é aquele em que os pais tentam direcionar as atividades da criança de forma racional e orientada. Incentivam o diálogo, expõem seus pontos de vista diante das situações justificando suas ações. Eles solicitam suas objeções quando há recusa da criança em colaborar e expõem com clareza a

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos perspectiva do adulto exercendo firme controle, mas sem restringir a da criança. Não baseiam suas decisões em consensos ou no desejo de seus filhos (Baumrind ,1966).

Garcia e Serra (2019) apontam duas dimensões ortogonais que norteiam os estilos educativos: a cordialidade e a rigidez. Pais que apoiam os filhos, mostram atenção, boa comunicação, aceitação e amor são cordiais. Já os pais que impõem padrões de conduta, supervisionam e se mantêm em uma posição assertiva e de autoridade sobre eles, ou outros rótulos, como dominação, hostilidade, inflexibilidade ao controle, firmeza, restrição/ imposição, têm características da rigidez. Portanto, com base nessas duas dimensões os quatro modelos parentais podem ser mais bem compreendidos nos seguintes aspectos: pais autoritativos são afetuosos e rígidos; pais autoritários são rígidos e não afetuosos; pais indulgentes são afetuosos, mas não rígidos e pais negligentes não são nem afetuosos e nem rígidos.

Gotmann e DeClaire (2005) realizaram uma investigação importante sobre estilos parentais associada a inteligência emocional e se ativeram a compreender quais os modos de comportamento realizado por estes ao longo da infância e adolescência oferecendo diversos exemplos. As definições de modelos citadas anteriormente se mostram muito similares em seu significado, porém eles utilizam outras nomenclaturas de definição para os quatro modelos: os simplistas, os desaprovadores, os *Laissez-faire* e os preparadores emocionais. Eles definem os pais simplistas como os que ignoram ou não dão importância aos sentimentos da criança. Costumam ou distrair a criança dos seus sentimentos, ou ridicularizam os mesmos por achar que esses não contam, não tem valor. Tendem a descontrolar-se emocionalmente, e por vezes tem dificuldade de compreender a própria emoção e a da criança. Os pais desaprovadores são caracterizados como julgadores e críticos da expressão emocional de seus filhos. Desejam controlar e enfatizam a obediência e bons padrões de comportamento. Repreendem, disciplinam e castigam e emoções negativas devem ter limite de tempo e serem controladas. Já os pais do estilo *Laissez-faire* aceitam livremente as expressões emocionais, reconfortam diante de sentimentos

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos negativos. Não orientam sobre comportamentos, emoções e não impõem limites. E por fim, os preparadores emocionais são pais que percebem, são sensíveis e valorizam as emoções da criança e as suas tratando-as com respeito. Vêm as emoções negativas com oportunidades de intimidade e para agirem como educadores. São capazes de escutar, tranquilizar, demonstrar empatia e orientar sobre nomear emoções, regulação emocional e resolução de problemas.

Young, Kloslo e Weishaar (2008) propõem na Terapia de Esquema que os Esquemas Desadaptativos Remotos (EDR) são um padrão de memórias, emoções e sensações corporais relacionados a si e as pessoas que nos circundam, é desenvolvido na infância e adolescência, sendo elaborados ao longo da vida e possuem um padrão disfuncional significativo. Ribeiro e Cruz (2019) acrescentam que os estilos parentais fazem parte desta estruturação dos dezoito EDRs e quanto mais experiências disfuncionais forem ativadas na família, mais EDRs serão ativados e maior será o impacto gerado na biologia do indivíduo alterando estruturas cerebrais como hipocampo e amígdala. Assim, para compreender e rastrear a origem dos esquemas e avaliar os aspectos familiares foi desenvolvido o Inventário de Estilos Parentais o *Young Parental Inventory - YPI*, propostos teoricamente por Young (1999). Estes são distribuídos em 5 domínios: 1) Desconexão e rejeição: comum em famílias que apresentam instabilidade, abuso, frieza, rejeição ou isolamento do mundo exterior. 2) autonomia e desempenho prejudicados; são comuns em famílias superprotetoras, emaranhadas e destruidoras da confiança da criança. 3) Limites prejudicados: são aqueles onde os cuidadores não desenvolvem os limites de forma adequada na criança, seja sendo permissivo, ou não orientando a criança do certo e do errado. 4) Orientação para o outro: são aqueles pais que tem um foco no desejo e resposta do outro a fim de obter amor e aprovação. 5) Supervigilância e inibição: consiste nos modelos familiares punitivos, perfeccionistas e que tem a tendência de evitar “erros” decorrentes de atividades prazerosas. Rijo (2009) realizou estudo de adaptação e validação desse instrumento para o contexto português.

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

1.2.4 Parentalidade Positiva e Construção de Autoestima

A parentalidade positiva para a construção de uma autoestima saudável na criança é discutida em pesquisas no mundo todo. Lavric e Naterer (2020) assinalam em seu estudo os efeitos da exposição a diferentes estilos parentais (autoritativo, autoritário ou permissivo) na experiência de qualidade de vida em jovens. O estudo foi realizado com jovens de 14 a 29 anos em 10 países do sudeste da Europa. Os resultados do estudo apontaram que estar exposto na infância ao estilo autoritativo foi o que mais trouxe satisfação com a vida. Em todos os países o estilo autoritário teve impacto negativo com a satisfação com a vida, e os sujeitos só experimentaram experiências positivas nos estilos autoritário e negligente se estes estivessem combinados com o estilo autoritativo.

A investigação chinesa de Deng e Tong (2020) extraiu dados do *China Family Panel Studies (CFPS)* realizado pelo *Institute of Social Science Survey (ISSS)* da universidade de Pequim e avaliou a relação ente estilos parentais e habilidades não cognitivas como autoestima, perseverança e motivação. Este estudo foi feito com 1412 crianças e jovens entre 10 e 15 e seus pais e identificou vários fatores-chave, como uma parentalidade respeitosa e investimento de tempo de qualidade dos pais com as crianças (trabalham meio turno, por exemplo) explicam a aquisição de habilidades não cognitivas na infância. O estudo sugere que medidas governamentais possam ser feitas para que os pais possam exercer maior atenção e cuidado aos filhos na infância como forma de desenvolvimento destas habilidades.

Uma metanálise, também de origem chinesa, realizada por Hei et al (2018) com 70 estudos (de 1996 à janeiro de 2018) com 33.089 estudantes (do que seria aqui em Portugal do primeiro ciclo até a população universitária) averiguou a relação entre estilos parentais positivos, negativos e agressividade. O resultado da metanálise apontou que o estilo parental mais negativo aumenta a agressividade nas crianças, bem como gera prejuízos na saúde física, mental, progresso acadêmico e o desenvolvimento da personalidade no referente a adaptação social.

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Lim (2020) investigou a relação causal entre autoestima, parentalidade disfuncional e apego aos pares em 1831 jovens, com média de idade de 10,98 anos, coreanos, e de ambos os sexos. O estudo foi realizado em 3 fases: no 5º, 6º e 10º ano e verificou que, independentemente do sexo, as crianças apresentam efeitos negativos na autoestima quando expostos a uma parentalidade disfuncional. Por outro lado, o apego com os pares promove efeitos positivos na autoestima dos indivíduos ao longo do tempo. Além disso, a autoestima mediou parcialmente a relação longitudinal entre pais disfuncionais e apego aos pares para as meninas e, para os meninos, a autoestima mediou completamente o relacionamento com os pares. Desta forma, o estudo enaltece a importância da educação parental contínua fornecida pela escola ao longo da vida do indivíduo, preferencialmente desde a primária.

2 Método

Dada a complexidade dos fenômenos sociais, considerou-se que a metodologia que mais se adequou para esta investigação foi a qualitativa por se desejar compreender os significados atribuídos pelos sujeitos acerca do tema deste estudo. De acordo com Patias e Hohendorff (2019) na pesquisa qualitativa a realidade é múltipla e subjetiva, sendo que as experiências dos indivíduos e suas percepções são aspectos úteis e importantes para esta abordagem. A realidade é construída em conjunto entre pesquisador/a e pesquisado/a por meio das experiências individuais de cada sujeito. Sendo assim, os pesquisadores entendem que não há neutralidade e que estão, no processo da pesquisa, influenciando e sendo influenciados pelo que está sendo pesquisado. O raciocínio ou a lógica da pesquisa qualitativa é a indutiva, partindo do específico para o geral.

2.1 Objetivos do Estudo

O processo de investigação é dirigido à verificação das hipóteses que se tem por finalidade investigar e, para tal, se devem criar as condições para que os dados recolhidos sejam significativos para o problema que foi questionado (Almeida e Freire, 2008). Sendo assim, através dos estudos referendados sobre o tema se construiu a seguinte questão norteadora: Existe relação entre a autoestima dos pais e o modelo parental em que foram educados e a construção da autoestima dos filhos?

A partir de tal questão partiu-se para a definição dos objetivos do estudo, que tem como finalidade descrever, compreender as causas e explicar o comportamento investigado. (Cozby, 2003) Desta forma, foi definido como objetivo geral identificar se existe relação entre a autoestima dos pais e o estilo parental em que foram criados na formação da autoestima dos filhos.

Para responder a este objetivo geral foram definidos os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar como os pais qualificam sua autoestima.
2. Averiguar qual o modelo parental em que os pais foram criados.

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

3. Avaliar se os pais utilizam o mesmo modelo parental em que foram socializados na educação dos filhos.
4. Analisar através da percepção dos pais se julgam que o modelo parental que adotam promove um bom desenvolvimento da autoestima dos filhos.
5. Investigar se variáveis como gênero, idade, escolaridade e contexto social têm relação com o desenvolvimento da autoestima dos filhos.
6. Analisar qual a perspectiva dos pais sobre o desenvolvimento da autoestima dos filhos.

2.2 Método e técnicas de investigação

Como citado anteriormente, a metodologia de pesquisa escolhida para essa investigação foi a qualitativa. Este estudo seguiu uma orientação qualitativa no sentido em que foram selecionados apenas 6 sujeitos através de uma amostra de conveniência. Uma amostra desta modalidade, consiste em o pesquisador de campo selecionar falantes da população em estudo que se mostrem mais acessíveis e disponíveis para participar do processo (Freitag, 2018). Deste modo, os sujeitos da amostra responderam a um questionário sociodemográfico (Anexo C) e a dois questionários validados para a população portuguesa (Anexo D e E). A orientação qualitativa procurou investigar as atitudes e opiniões dos sujeitos utilizando um guião semiestruturado de entrevista (Anexo F) criado especificamente pela investigadora com o propósito de captar as percepções dos sujeitos selecionados na amostra em relação ao objeto de pesquisa.

Quanto ao tratamento dos resultados foi escolhido o método de Análise de Conteúdo de Bardin (2016), onde as respostas foram agrupadas em 3 categorias organizadas conforme as respostas dos sujeitos, sendo as seguintes: 1) Comportamentos utilizados para auxiliar no desenvolvimento da autoestima dos filhos, 2) Modelo parental da família de origem x família atual, 2) Conceitos sobre autoestima.

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Utilizou-se para o auxílio na categorização de palavras o programa ATLAS.ti 22 versão web. O programa consiste em um *software* capaz de facilitar os processos de categorização em pesquisas qualitativas (Silva Junior & Leão, 2018)

2.3 Instrumentos

Para a realização deste estudo foram utilizados 4 instrumentos:

- Questionário de Caracterização Sociodemográfico (Anexo C);
- Escala de Autoestima de Rosenberg (Anexo D), validada para a população portuguesa por Santos (2008);
- Questionário de Estilos e Dimensões Parentais - Versão Reduzida (*Parenting Styles and Dimensions Questionnaire - Short Form*) (Anexo E), validado para a população portuguesa por Miguel, Valentim & Carugati (2009);
- Guião de Entrevista Semiestruturado (Anexo F) composto por 11 questões abertas elaboradas especificamente para a realização deste estudo.

Os 4 instrumentos de investigação serão mais bem explicados seguidamente:

O Questionário de Caracterização Sociodemográfico (Anexo C) teve como finalidade analisar variáveis como sexo, estado civil, escolaridade e contexto social, entre outras relevantes para a investigação.

A Escala de Autoestima de Rosenberg (*Rosenberg Self-Esteem Scale – RSES*; Rosenberg, 1965a) validado por Santos (2008) (Anexo D) é uma medida de fácil aplicação constituída por dez itens que avaliam a autoestima em adolescentes e adultos. Provavelmente é a mais difundida de todas as medidas de autoestima a nível internacional (Pachorro et al, 2011). A primeira versão portuguesa da RSES foi realizada por Santos e Maia (2003) com alunos do ensino secundário, seguindo-se a validação do mesmo autor, para estudantes portugueses do ensino superior Santos (2008) e que será a versão utilizada na presente investigação. A escala foi concebida originalmente como uma escala Guttman, porém a

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos maioria dos investigadores utiliza uma escala Likert cotada simplesmente somando os dez itens ordinais de 4 pontos (Discordo fortemente = 1, Discordo = 2, Concordo = 3, Concordo fortemente = 4), após se ter efetuado a reversão dos itens apropriados (nomeadamente os itens 2, 5, 6, 8 e 9) (Quintão, Delgado e Gerardo, 2011; Pachorro et al, 2011). Cinco itens são de orientação positiva e cinco de orientação negativa, podendo os *scores* totais variar entre 10 e 40, com resultados mais elevados a evidenciar níveis mais altos de autoestima (Santos, 2008).

O Questionário de Estilos e Dimensões Parentais- Versão Reduzida (*Parenting Styles and Dimensions Questionnaire - Short Form*) (Anexo E) validado por Miguel, Valentim & Carugati (2009). O instrumento foi desenvolvido por Robinson, Mandleco, Oslen & Hart (2001). Foi originalmente utilizado para avaliar os estilos parentais de pais de crianças em idade pré-escolar. O primeiro formato desenvolvido do questionário fora constituído por 62 itens para avaliar 3 estilos parentais: democrático, autoritário e permissivo. Já a versão reduzida, que se utilizará neste estudo, consiste em uma escala de 32 itens, avaliando os mesmos 3 estilos. A validação para a população portuguesa foi realizada com uma amostra de 344 pais e mães com filhos a frequentar o 1º Ciclo do Ensino Básico. Desta forma, os sujeitos do presente estudo devem identificar o grau de frequência com que efetuam os 32 comportamentos apontados através de uma escala *Likert* de 5 pontos sendo: 1= Nunca, 2= Poucas vezes, 3= Algumas vezes, 4= Bastantes vezes e 5= Sempre. O estilo Democrático inclui subescalas de Apoio e Afeto (5 itens), Regulação (5 itens) e Cedência de autonomia/participação democrática (5 itens). O padrão Autoritário inclui dimensões de Coerção física (4 itens), Hostilidade verbal (4 itens) e Punição (4 itens). O estilo Permissivo é constituído por uma única dimensão, a de Indulgência (5 itens) (Miguel, Valentim & Carugati, 2009).

E por fim um Guião de Entrevista Semiestruturado de 11 questões (Anexo F). Estas foram elaboradas especificamente para este estudo a fim de reconhecer de forma aprofundada como os pais exercem os modelos parentais que se identificam na educação dos filhos e como eles acreditam que

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

estes contribuem para o desenvolvimento da autoestima deles. Em relação à escolha da pesquisadora por perguntas abertas a mesma surgiu atendendo à possibilidade de os pais poderem facultar o máximo de informações possível. As perguntas abertas são livres e não limitadas onde o informante pode responder usando linguagem própria para expressar suas opiniões sobre o tema. A modalidade de entrevista utilizada neste estudo foi a do tipo entrevista semiestruturada, pois teve por base um roteiro previamente estabelecido de acordo com um formulário onde o pesquisador é livre para adaptar suas perguntas a determinada situação ou alterar a ordem caso seja necessário ou ainda fazer outras questões para estudar os motivos, os sentimentos e a conduta das pessoas (Marconi & Lakatos, 2003).

2.4 Procedimentos

Os procedimentos de uma pesquisa são uma parte fundamental pois são eles que norteiam a qualidade de um estudo pautado no rigor científico. Sendo assim, os procedimentos metodológicos nada mais são do que um plano básico muito bem fundamentado e orientado para a realização de uma investigação, pautado na problemática muito bem desenvolvida e operacionalizam o quê e o quando e como vai ser feito em cada momento do estudo (Almeida & Freire, 2008).

Como procedimentos desta investigação foram realizadas as seguintes etapas:

Etapa 1: Foi realizado um convite por escrito a 37 grupos e associações ou grupos oriundos de Portugal do *Facebook Meta*. Em momento algum a pesquisadora fez parte dos grupos contactados.

Etapa 2: Aos pais que entraram em contato com a pesquisadora foi enviada a Declaração de Assentimento Informado com as explicações sobre como ocorreriam as etapas do estudo (Anexo B). Após o aceite de participação os sujeitos passavam a preencher o Questionário de Caracterização Sociodemográfico (Anexo C), a Escala de Rosenberg (Anexo D) e o Questionário de Estilos e Dimensões Parentais - Versão Reduzida (*Parenting Styles and Dimensions Questionnaire - Short Form*) (Anexo E). Todos os instrumentos foram preenchidos *online*.

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Etapa 3: Após o preenchimento foi agendada a entrevista através da plataforma *Google Meet* no momento mais conveniente aos participantes da investigação. Foram revelados os resultados obtidos nos instrumentos anteriormente preenchidos e, por fim, foi aplicado o Guião de Entrevista (Anexo F), que foi desenvolvido especificamente para este estudo. A investigadora tirou as notas a mão, o que permitiu a transcrição destas para a realização da análise de conteúdo dos dados recolhidos.

Etapa 4: Os participantes que manifestaram o desejo de conhecer os resultados principais da pesquisa poderiam fazê-lo através do email criado especificamente pela pesquisadora para a mesma após a defesa desta dissertação. Os registros em arquivo físico ou digital foram confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa e destruídos logo após o término da investigação.

Após a aprovação da Comissão de Ética o estudo foi realizado e concluído em 4 meses.

Nas várias etapas de desenvolvimento do estudo foram tidos em conta os valores éticos de deontológicos do Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses (CDOPP), nomeadamente no que refere às questões de privacidade, confidencialidade e anonimato (Ordem dos Psicólogos Portugueses, 2011) e, de igual modo, as normas propostas pelo Comitê de Ética da Universidade Fernando Pessoa. Os entrevistados receberam a Declaração de Assentimento Informado em População Não Clínica Adulto esclarecendo sobre quais as etapas de pesquisa e foram informados que poderiam desistir de sua participação a qualquer momento do estudo e que as informações recolhidas seriam destruídas ao final do estudo.

2.5 Participantes

A amostra de um estudo corresponde a um conjunto de pessoas, casos, situações ou observações que se extraem de uma população. Nesta investigação o tipo de amostra utilizada foi a aleatória simples, que consiste em permitir que qualquer indivíduo possua a mesma probabilidade de participar do estudo, bem como a saída de um sujeito também não afetará a probabilidade de saída dos restantes (Almeida & Freire, 2008)

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Nesta investigação participaram 6 mães que se dispuseram a responder ao estudo, pois nenhum pai entrou em contato para participar da investigação. Os critérios de inclusão do estudo compreenderam pais e/ou mães de qualquer idade e escolaridade, de qualquer estado civil, portugueses nascidos e criados em Portugal e que tinham pelo menos um dos seus filhos matriculados em uma escola de Portugal e que estejam frequentando o 1º ciclo de estudos. As crianças em questão apresentavam um desenvolvimento típico para o esperado à sua idade.

Os critérios de exclusão do estudo compreendem todos os pais e/ou mães que não são de nacionalidade portuguesa, que não foram criados em Portugal ou que frequentaram escolas fora daqui. Estes estavam fora do escopo de interesse porque os objetivos incluem analisar pais que estão completamente imersos na cultura e educação do país onde a investigação foi realizada. Da mesma forma, pais de crianças que possuíam qualquer tipo de deficiência, doenças crônicas, ou até mesmo transtornos psiquiátricos graves (visto que tais variáveis poderiam interferir na construção da autoestima e, sobretudo, por se tratarem de grupos específicos, que merecem estudos e intervenções direcionados a eles visto a grande estigmatização social que sofrem) não se enquadravam nos objetivos do estudo.

Todos os aspectos citados foram averiguados no questionário sociodemográfico e estão descritos na tabela a seguir:

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Tabela 1*Características Sociodemográficas dos participantes*

<i>Codificação do Participante:</i>	<i>S1</i>	<i>S2</i>	<i>S3</i>	<i>S4</i>	<i>S5</i>	<i>S6</i>
1) Filho no 1º ciclo frequentando uma escola portuguesa?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
2) Nº de filhos	1 filho	2 filhos	2 filhos	2 filhos	2 filhos	2 filhos
3) Idade(s)	8 anos	7 e 13 anos	7 e 14 anos	3 e 8 anos	2 e 8 anos	7 e 25 anos
4) Gênero	Feminino	Ambos masculino	Feminino e masculino	Ambos feminino	Ambos masculino	Masculino e feminino
5) Seu filho que está no 1º ciclo possui alguma deficiência, doença crônica ou transtorno psiquiátrico grave?	Não	Não	Não	Não	Não	Não
6) Nacionalidade do Sujeito	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa
7) Local de residência	Porto	Rio Tinto	Maia	Leça da Palmeira	Porto	Valongo
8) Idade do Sujeito	40 anos	41 anos	44 anos	34 anos	40 anos	46 anos
9) Gênero do Sujeito	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
10) Estado Civil	Solteira	Casada	Divorciada	Solteira	Casada	Divorciada
11) Escolaridade	Licenciatura	Licenciatura	Licenciatura	Mestrado	Licenciatura	9ºano
12) Rendimento Familiar	600€- 1500€	1500€- 3000€	600€- 1500€	Maior que 3000€	600€- 1500€	600€- 1500€

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Ao analisarmos a tabela pode-se observar que os sujeitos que se dispuseram a responder ao estudo foram predominantemente do gênero feminino, de nacionalidade portuguesa e compreendem as idades de 34 a 46 anos. Lamentavelmente, nenhum sujeito do gênero masculino se dispôs a responder ao estudo. No referente ao estado civil das participantes nota-se homogeneidade, sendo 2 delas solteiras, 2 delas casadas e 2 delas divorciadas. Todos os sujeitos residiam em região próxima ao Porto, sendo dois deles no Porto, 1 no Rio Tinto, 1 na Maia, 1 em Leça da Palmeira e 1 em Valongo. Todas eram mães de crianças no 1º ciclo entre 7 e 8 anos, e 5 das 6 mães tinham 2 filhos. O intervalo de idade dos filhos foi de 2 a 25 anos, sendo 5 do gênero feminino e 6 do gênero masculino. As crianças que estão no 1º ciclo são exatamente 3 meninas e 3 meninos e todas com 7 ou 8 anos de idade. Nenhuma das crianças do 1º ciclo possuem alguma deficiência, doença crônica ou transtorno psiquiátrico grave.

Quanto à escolaridade, 1 sujeito concluiu os estudos até o 9º ano, 4 sujeitos possuíam licenciatura e apenas 1 sujeito mestrado. No tocante ao rendimento familiar, 4 sujeitos possuem ganho entre 600- 1500€ (1 sujeito se trata da mãe que concluiu o 9º ano e as outras 3 que possuem Licenciatura), 1 sujeito entre 1500-3000€ (1 dos sujeitos que possuem Licenciatura) e apenas 1 sujeito que possui rendimentos maior que 3000€ (1 sujeito que possui mestrado).

No tocante aos inventários aplicados, temos os seguintes resultados apontados nas tabelas que se apresentam a seguir:

Tabela 2

Resultados da Escala de Autoestima de Rosenberg

Codificação do Participante	S1	S2	S3	S4	S5	S6
Resultado de cada participante	36	25	39	34	40	40

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Os resultados provenientes da aplicação da Escala de Autoestima de Rosenberg (*Rosenberg Self-Esteem Scale – RSES*; Rosenberg, 1965a) (Anexo D) validada para a população portuguesa por Santos (2008) aos participantes do estudo mostram que todos apresentam níveis mais altos de autoestima, ou seja, entre 25 e 40. Tais escores correspondem a uma autoestima adequada para a idade dos sujeitos.

Tabela 3

Resultados Questionário de Estilos e Dimensões Parentais - Versão Reduzida (Parenting Styles and Dimensions Questionnaire - Short Form)

<i>Codificação</i>	<i>Modelo</i>	<i>S1</i>	<i>S2</i>	<i>S3</i>	<i>S4</i>	<i>S5</i>	<i>S6</i>
<i>do</i>	<i>Parental:</i>						
<i>Participante</i>							
Resultados	Democrático	24,6	17,6	25	22	24,6	23,6
de cada	Autoritário	6	10,6	6,6	7	8	5
participante	Permissivo	13	15	9	15	10	5

Concernente aos resultados do Questionário de Estilos e Dimensões Parentais - Versão Reduzida (*Parenting Styles and Dimensions Questionnaire - Short Form*) (Anexo E), validado para a população portuguesa por Miguel, Valentim & Carugati (2009), os mesmos evidenciaram que todas as mães afirmam aplicar o modelo Democrático na educação dos filhos. As características de permissividade pontuaram em segundo lugar, e as do autoritarismo em terceiro em todos os sujeitos da amostra.

3 Análise de Dados

Após a conclusão das atividades de campo desta investigação através da realização das entrevistas, estas foram transcritas do papel para o computador e analisadas. O método utilizado foi a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), que define essa metodologia presente em estudos qualitativos como elemento que busca conhecer o que está por trás das palavras. A análise de conteúdo visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, etc., por meio de um mecanismo de dedução com base de indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares (Bardin, 2016). Sendo assim, o que se quis captar são todos os elementos de linguagem que estão presentes no discurso dos sujeitos entrevistados.

Para que se pudesse compreender tais discursos a categorização dos mesmos foi o sistema utilizado para se trabalhar os dados obtidos. Bardin (2016) define a categorização como um processo estruturalista que permite agrupar as partes comuns presentes nos discursos. Esta ocorre em duas etapas, a parte de inventariar os elementos e a parte de classificá-los para impor uma organização das mensagens. Desta forma foi possível encontrar os aspectos marcantes nas falas de cada um dos entrevistados e refletir sobre estas à luz do referencial teórico e do estado da arte das ciências psicológicas sob os mesmos.

3.1 Codificação

Conforme foi anteriormente explanado neste estudo, utilizou-se a técnica de entrevista semiestruturada através de um guião específico para a amostra em questão. Cada entrevista foi agendada na disponibilidade de cada sujeito e realizada pela plataforma *Google Meet*. A duração das entrevistas ocorreu no intervalo de 15 a 30 minutos. Neste sentido, após a conclusão destas, o material que foi registrado à mão foi transcrito, codificado para posteriormente ser categorizado e analisado de acordo com estudos baseados em evidências na literatura psicológica presente em bases de dados.

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

O processo de codificação, segundo Bardin (2016), consiste em uma transformação baseada em regras específicas a partir dos resultados brutos do texto. Tal transformação se dá a partir de recortes, agregação e enumeração que permitem atingir uma representação do conteúdo esclarecendo ao analista as características do texto.

Para a primeira fase de codificação das entrevistas utilizou-se o programa ATLAS.ti 22, que consiste em um *software* muito utilizado para a pré-análise e exploração do material em estudos, sendo este um recurso satisfatório a ser utilizado em métodos de pesquisa qualitativa que utilizem análise de conteúdo (Silva Junior & Leão, 2018).

Segue a tabela abaixo com os códigos criados a partir dos objetivos do estudo mesclados as falas dos participantes:

Tabela 4

Códigos

Códigos:	Frequência:
1) Como percebem e promovem a autoestima dos filhos	22
2) Modelo parental que foram criados	15
3) Necessidade de estudo para desenvolver a autoestima dos filhos	11
4) Modelo parental que educam os filhos	9
5) Autoestima atual	9
6) Conceitos de autoestima elevada	9
7) Autoestima na adolescência	8
8) Conceitos de autoestima baixa	6
9) Autoestima na infância	5
Total de códigos:	91

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

3.2 Categorização

Na segunda etapa da análise de conteúdo foi realizada a categorização. Como anteriormente foi explanado no princípio deste capítulo esta etapa consiste em agrupar as partes comuns presentes nos discursos (Bardin, 2016). Através do programa ATLAS.ti 22 foi possível extrair dos códigos as seguintes categorias:

Tabela 5

Categorias

Códigos	Categorias
1) Como percebem e promovem a autoestima dos filhos	1) Comportamentos utilizados para auxiliar no desenvolvimento da autoestima dos filhos
2) Necessidade de estudo para desenvolver a autoestima dos filhos	
3) Modelo parental que foram criados	2) Diferenças e similaridades entre o modelo parental da família de origem e a família atual
4) Modelo parental que educam os filhos	
5) Autoestima atual	3) Conceitos sobre autoestima
6) Autoestima na infância	
7) Autoestima na adolescência	
8) Conceitos de autoestima elevada	
9) Conceitos de autoestima baixa	

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

3.3 Análise e Discussão dos Resultados

Diante de todos os dados analisados neste estudo é possível destacar que dos 9 códigos agrupados foram destacadas 92 falas dos sujeitos. Os aspectos mais relevantes proporcionaram agrupar as informações trazidas pelos sujeitos em 3 categorias que serão mais bem explicadas a seguir.

3.3.1 Categoria 1: Comportamentos utilizados para auxiliar no desenvolvimento da autoestima dos filhos

Os dados referentes aos códigos “Como percebem e promovem a autoestima dos filhos” apareceram em 22 falas dos sujeitos e no respectivo a “Necessidade de estudo para desenvolver a autoestima dos filhos” foram 11. Todas as falas das mães apontam as formas que utilizam para investigar e desenvolver a autoestima de seus filhos.

A primeira observação que merece destaque se refere ao código “Como percebem e promovem a autoestima dos filhos”. Os discursos demonstraram que as mães têm o hábito de realizar conversas como estratégia de percepção da autoestima das crianças, que ocorrem primordialmente através de indagações de como foi a escola. As falas foram presentes em todas as entrevistadas e são descritas a seguir:

Faço no dia a dia muitas conversas, por exemplo quando faz um teste, pergunto. “porque correu mal? O que achas que ocorreu?” S1

Em concreto não pergunto, mas questiono como foi a escola no carro. A. Conta tudo e dou conselhos. O D. é super responsável e malandro. As vezes apanha e não diz por medo da professora ralhar com ele. Com o A. já temos conversas de crescidos. Gosto de dar responsabilidades a ambos para crescerem. S2

Costumo sempre conversar com eles sobre isso. Tenho certeza de que a autoestima do meu filho é muito baixa em relação as qualidades que tem. Com a filha também, conversamos como adultos.

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Tentar perceber como foi o dia, se aconteceu alguma coisa que a fragilizasse e a partir daí identificar o porquê isso ocorreu e que ferramentas eu posso te dar e ela pode ver nela para ultrapassar isso. S3

Converso sim! Não abordo diretamente autoestima, abordo assuntos normais onde vou percebendo onde ela pode se sentir mal. Por exemplo, esses dias ela disse que não queria ir de saia pois acreditava que as pessoas iriam gozar dela. Trabalhei com ela para ela ir como se sente bem. Depois ela contou que no final ninguém gozou com ela e lhe expus que não tinham porque lhe gozar. Tento ajudá-la a ver onde está o problema e o que pode ser feito. S4

Converso sobre como foi a escola, treinos, o que aconteceu, se aprendeu ou não, quem brinca, quem são os amigos. Ele sempre diz! Geralmente quando é algo grave ele diz. S5

Sim, todos os dias. Pergunto como se sente, como correu a escola, se algo o aborreceu. Trabalho quando se chateia com um amiguinho e tento lhe chamar à razão para ver o lado positivo das coisas. S6

Diante do exposto se verifica a importância para as mães de conversarem sobre situações que tenham ocorrido com as crianças para ajudá-las a compreender o que lhes aconteceu e criar uma relação de confiança ente mãe e filho, bem como promover recursos para construção de uma autoestima saudável. O estudo de Harris et al (2017) ilustra essa relação. Esse experimento foi realizado com 80 crianças e adolescentes entre 5 e 13 anos e seus pais (7 pais e 65 mães) e buscou analisar a co-construção do desenvolvimento global da autoestima através de inventários e observação de uma conversa gravada entre pais e filhos sobre eventos remanescentes significativos para a criança/adolescente. Como resultado se constatou que os pais que incluíram mais explicações de emoções ao escrever nos inventários sobre os aspectos negativos de suas vidas eram os mais propensos a conversar sobre as emoções vivenciadas em eventos passados negativos ocorridos com seus filhos, o que foi associado à segurança do apego infantil. O apego seguro entre pais e filhos foi também associado a melhora no desenvolvimento da autoestima, que predisse aumentos relativos da mesma 16 meses depois da intervenção.

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Ainda em relação ao código “Como percebem e promovem a autoestima dos filhos” é possível verificar que todas as mães se utilizam de seu exemplo como estratégias para desenvolver a autoestima dos filhos. As frases a seguir sugerem isso:

Eu não sei se sei, mas eu tento. O que resultou foi o exemplo da minha mãe, as conversas e minha autoaceitação. Faço com ela o que eu fiz comigo (é meio empírico). S1

Como pais tentamos contribuir na autoestima deles. Eles percebem que fazemos esforços que fazemos para que estudem em escola privada. Tentamos mostrar que a vida não é fácil, que eles devem se esforçar. S2

Acho que sei como promover uma boa autoestima em meus filhos, pois minha filha, assim como eu, tem problemas de peso, mas eu tento chamar-lhe a atenção que ela tem esse problema, mas ao mesmo tempo, dar-lhe ferramentas para ela ultrapassar esse problema dizendo sempre que isso nunca será impeditivo dela ter sucesso na vida e acho que estamos a conseguir. S3

Basicamente que elas se sintam seguras para resolver os problemas diários. Que se sintam boas o suficiente para conseguir dar respostas aos problemas. Que gostem delas próprias, daquilo que veem, daquilo que sentem e como são. Sempre digo. “Tu és capaz, tu consegues fazer tudo. Acho que isso lhes dá o meio para elas conseguirem desenvolver outras capacidades. S4

Digo ao G. para ele acreditar nele próprio. Digo que ele não deve ouvir os outros porque nessa idade as crianças são cruéis, porque são crianças. Se ele achar que tem algum fundo de verdade ele deve se melhorar, mas sempre acreditar nele próprio. S5

Pro meu J. falo tudo, ensino tudo. Dar valor aos outros, ao que faço por nós. Gosto de ser para ele e dar o que não tive. S6

Carvalho et al (2019) comentam a importância da relação entre pais e filhos, e que essa exerce influência significativa no sucesso do processo educativo de uma criança. Para tal, além dos pais

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

necessitarem desenvolver competências e praticas parentais positivas precisam ser capazes de fomentar comportamentos adaptativos nas crianças e gerir os desadaptativos.

Na revisão sistemática de Albanese, Russo e Geller (2019) foram analisados 115 artigos sobre a autoeficácia parental no bem-estar entre pais e filhos organizados em três grandes categorias temáticas relacionadas a: relação pais e filhos, saúde mental parental ou desenvolvimento infantil. Autoeficácia parental diz respeito a crença dos pais se sentirem capazes de influenciar os filhos de forma saudável e bem-sucedida. No referente a relação pais e filhos a revisão de 47 artigos mostra que a autoeficácia parental está relacionada ao estabelecimento de apego infantil adequado, bom funcionamento familiar e envolvimento parental positivo. No quesito saúde mental parental os achados em 41 artigos indicaram que o sentimento de autoeficácia parental baixo está associado a depressão pós-parto, problemas de saúde mental dos pais, estresse marital e familiar, dificuldades de apego e insegurança da criança. Por fim, no concernente ao desenvolvimento infantil foram analisados 28 artigos e os achados comentam que a autoeficácia parental positiva está ligada a bom comportamento infantil, bom desempenho escolar desempenho e boa a saúde física e mental. Nas repercussões da autoeficácia negativa, em especial a materna, encontrou-se problemas de comportamento infantil, de autocontrole e desvios na adolescência. Erroneamente, a autoeficácia é confundida pelos pais com autoestima, competência e confiança dos pais, mas sua definição é muito mais complexa de acordo com os autores. Infelizmente, carecem a existência de instrumentos validados que definam e sejam capazes de medir todos os aspectos da autoeficácia parental. Há também carência de estudos longitudinais que avaliem o comportamento de autoeficácia ao longo dos tempos e estudos com mais sujeitos avaliando diferenças como diferentes grupos étnicos, níveis socioeconômicos, idade das crianças e país de origem, mas apesar disso, nos estudos avaliados, não houve diferenças nos resultados diante destas variáveis quando a autoeficácia parental.

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

No tangente ao código “Necessidade de estudo para desenvolver a autoestima dos filhos” 4 mães comentaram fizeram algum tipo de curso ou leitura para exercerem a parentalidade antes dos filhos nascerem. Não houve comentários das demais. As falas abaixo refletem isso:

Fiz algumas coisas no centro de saúde antes dela nascer. Nada me preparou para a maternidade pois foram 3 anos sem dormir com a M. Hoje vejo que ter aceitado melhor a situação teria sido melhor. Eu não conseguia pensar e achava-me culpada. S1

Fiz no primeiro filho. No primeiro comprei enciclopédias que não pus em prática. No A., fiz workshop na loja Pré-Natal. Com o D. foi mais intuitivo, já sabia mais coisas, tinha prática. O máximo consultei blogs. S2

Li alguns livros, que ainda leio sobre relação pais e filhos, mas a maior referência é o meu pai. Ele com quase mestrado em psicanálise sempre me ajudou a resolver as diferentes fases da minha infância.

S3

Sim, fiz cursos antes da gravidez e depois da gravidez também acabei por fazer. Fiz também preparação para o parto e li o livro “O desenvolvimento até os 12 meses” na gravidez da mais velha. Pontualmente lia também outras coisas que achava interessante. Ainda hoje leio! Esses dias li um artigo sobre birra das crianças. S4

Diante do exposto pelas mães é possível inferir que a necessidade de estudo pareceu mais presente na gestação que em outros momentos do desenvolvimento dos filhos e que essa atitude lhes forneceu a confiança e o conhecimento necessários para habilitá-las para realizar os cuidados com os filhos neste primeiro momento. O estudo de Loy (2021) verificou melhora na autoeficácia parental através do programa *Community-enabled Readiness for first 1000 Days Learning Ecosystem (CRADLE)* que consiste em um programa para promoção de uma parentalidade positiva e para a saúde futura dos pais e da criança nos seus primeiros 1000 dias de vida. Este foi aplicado em 750 mulheres em um hospital de Cingapura, que acompanhou os pais orientando-os em 3 aspectos: 1) cuidados de rotina

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos padrão; 2) estímulos comportamentais (mensagens de texto) juntamente com o uso de uma plataforma de mídia social; e 3) cuidados de continuidade liderados por parteiras envolvendo sessões de teleconferência individualizadas, durante a gravidez e pós-parto. Foram utilizados também questionários baseados na web, informações sociodemográficas e estado de saúde através de avaliações e acompanhamento no terceiro trimestre, ao nascimento, 6 semanas pós nascimento, 6, 12, 18 e 24 meses após o parto. Os resultados apontaram aumento da autoeficácia parental em relação a experiência de saúde e parto, bem-estar mental, prática de alimentação e estado nutricional materno e infantil, ou seja, os pais de primeira viagem conseguiram ter uma experiência positiva durante a gravidez, parto e paternidade em decorrência do treinamento.

Discorrendo ainda sobre o quesito “Necessidade de estudo para desenvolver a autoestima dos filhos” se identificou que dos 6 sujeitos 3 estão abertas a fazer cursos caso necessitem no futuro, 2 não tencionam fazer cursos, seja por falta de interesse ou tempo, e apenas 1 segue estudando para exercer a parentalidade. É considerável destacar que a mãe que deu continuidade aos estudos sobre desenvolvimento infantil é também a que possui maior escolaridade dos 6 sujeitos. As falas destacadas apontam essa observação.

Não tenho conhecimento de como poderia fazer, mas teria interesse em aprender mais. S1

Se for uma psiquiatra ou uma psicóloga que tenha alguma resposta válida sim. Se for mesmo algum curso técnico, não. Se eles vierem a ter problemas sim. Ou seja, eu não tenciono a ter qualquer tipo de curso, a não ser que meus filhos tenham algo grave e obrigatoriamente eu tenha que recorrer a ajuda nesse sentido. S2

Eu nunca fiz, mas sou aberta a propostas a fazer. Por exemplo, foi um ano difícil de escola.

Costumava por ele de castigo e a psicóloga da escola me orientou a não o fazer e sim me ajudou dizendo para elogiá-lo. S6

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Não tenciono fazer cursos. Só leio coisas, mas mais da idade do D (que tem 1 ano), para como lidar com birras. Sinto curiosidade nas birras, mas nada a aprofundar. S5

Não posso fazer nada disso, pois com o meu tempo não dá para planear. Eu vou gerindo, se acho algum artigo interessante eu vou ler, mas não tenho tempo para fazer mais do que isso. S3.

Sim, vou fazendo! Sempre que posso leio algum artigo quando tenho dúvida em como atuar em uma determinada situação vou a net ou pergunto uma opinião. Enfim, tento informar-me. Se naquela situação do suposto bullying ia se acentuar, eu ia ler, ia saber e tentar perceber e tentar criar fontes ou falar com amigos psicólogos para me ajudar. S4

Apesar das respostas das participantes deste estudo serem diversificadas, os estudos apontam que pais que buscam estudar obtêm melhores resultados no processo de educar os filhos. Sokolovic et al (2021) realizaram uma meta-análise de rede com 120 ensaios randomizados de programas que treinam pais de crianças de 0 a 6 anos para serem mais responsivos. Os resultados demonstram que fazer com que os pais observem exemplos de cuidados responsivos e práticas domiciliares completas em programas curtos e focados pode ser uma abordagem eficaz e escalável para aumentar a responsividade na população em geral e reduzir as desigualdades no desenvolvimento infantil.

Outro estudo que mostra a eficácia de aplicação de programas para pais foi realizado por Palmer et al (2019). Neste estudo de controle randomizado o Programa Triplo P-Positivo para Pais foi o escolhido para ser aplicado em 78 famílias (75 mães e 58 pais com crianças entre em crianças de 5 a 8 anos, sendo a maioria do gênero masculino (n=50), e de nacionalidade neozelandesa) com problemas de conduta infantil. Os resultados mostraram que o treinamento através de exemplos foi suficiente para resultar em mudanças mais robustas no comportamento infantil. As mães apresentaram resultados superiores em medidas na intervenção de comportamento parental, autoeficácia parental, saúde mental e percepções de apoio do parceiro no pós-intervenção e acompanhamento de 6 meses.

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

A aplicação do Programa Triplo P em Portugal realizada por Lima (2018), e comentada na fundamentação teórica deste estudo, obteve resultados igualmente positivos. As 54 mães de crianças entre 3 e 12 anos após 10 semanas passaram a utilizar práticas mais positivas com os filhos, se envolveram mais nas atividades com eles, sentiram-se mais competentes e observaram menos problemas na relação dela com os filhos e deles com seus pares.

3.3.2 Categoria 2: Diferenças e similaridades entre o Modelo parental da família de origem e a família atual

É relevante destacar que nenhum dos sujeitos havia ouvido falar em modelos parentais anteriormente. Somente o sujeito 4 sabia da existência, mas não sabia os tipos de modelos existentes.

Sendo assim, esta categoria agrupou 2 códigos que refletem similaridades nos discursos: “Modelo parental que foram criados” com 15 falas comuns e “Modelo parental que criam os filhos” com 9.

Nesta direção, dois parâmetros puderam ser destacados no código “Modelo parental que foram criados”. O primeiro se refere a como elas percebem os modelos de educação que receberam. Dos 6 sujeitos 2 parecem qualificar os pais no estilo permissivo, 2 no autoritativo (ou democrático) e 2 no autoritário proposto por Baumrind (1966).

Eu não tive pais presentes, eles trabalhavam muito. Minha mãe era cabeleireira e trabalhava das 8 as 22hs. Não eram disponíveis. S1

Tinha um pai e uma mãe, mas só minha mãe me criou. Meu pai foi ausente. Acho que minha mãe era permissiva, pois ela não tinha muito tempo, trabalhava muito. Até com minhas primas. Ela era mais permissiva do que democrática em minha opinião, embora dissesse sempre para eu ter juízo. S2

Acho que meus pais me criaram dentro do modelo democrático. Me sentia parte da família pela forma como fui criada, que a minha opinião contava. Eles consideravam tanto a mim quanto ao meu irmão parte ativa da família. S3

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Ótimo! Eu acho que tentei fazer um bocadinho o que faziam comigo. Minha mãe era aquela pessoa autoritária, exigente, mas também muito amiga, cooperativa, ajudante e percebia, sentia, dedicava sempre alguns minutos para falar comigo. Acho que isso contribuiu para eu ter percepção disso. Meu avô paterno era muito autoritário, por exemplo, estava a brincar com meu primo e estava a lhe fazer caretas. Meu avô interrompeu e disse que não era para eu fazer aquilo. Meu pai teve muito essa educação. Já a mãe sempre foi exigente, mas amiga e é isso que eu tento replicar. S4

Modelo autoritário. Mãe narcisista. Queria que eu seguisse as regras. Perdi meu pai aos 9 anos.

S5

Fui criada com amor e com muita responsabilidade. Exigiram que eu fosse adulta muito cedo. No início era normal, em adulta me dei conta que não tive pais presentes para brincar, para me orientar. Na adolescência tive amor, mas não fui ouvida. S6

Nesta categoria, é importante salientar que as respostas dadas sobre o modelo que foram criadas vieram a partir da devolução do resultado do Questionário de Estilos e Dimensões Parentais - Versão Reduzida (*Parenting Styles and Dimensions Questionnaire - Short Form*) (Anexo E). Diante da explicação sobre quais são os 3 modelos que o instrumento avaliou as mães puderam se situar em qual modelo foram criadas. As mulheres que se enxergavam criadas no modelo democrático expressaram felicidade em seus rostos ao falarem dos pais. Todas as demais mostraram no olhar e na voz tristeza e pesar ao falarem da forma como foram criadas.

Martinez et al (2020) em seu estudo transcultural com Espanha, Portugal e Brasil, anteriormente citado na introdução desta investigação, constataram em seus resultados que os estilos parentais autoritativo e indulgente, ambos com pais afetuosos, promoveram melhor internalização de valores nos três países. O estilo indulgente foi o que mais pontuou associado a elevada estima, e a seguir dele o estilo autoritativo. As variáveis avaliadas no estudo independem da cultura, do sexo e da idade dos participantes.

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

O que foi retratado nas falas dos sujeitos investigados foi ao encontro do que os artigos referendados anteriormente sobre parentalidade positiva trouxeram. Lavric e Naterer (2020) enfatizaram os efeitos da exposição a diferentes estilos parentais (autoritativo, autoritário ou permissivo) na experiência de qualidade de vida em jovens. Os resultados apontaram que estar exposto na infância ao estilo autoritativo foi o que mais trouxe satisfação com a vida. Em todos os países o estilo autoritário teve impacto negativo com a satisfação com a vida, e os sujeitos só experimentaram experiências positivas nos estilos autoritário e negligente se estes estivessem combinados com o estilo autoritativo. Deng e Tong (2020) identificaram que uma parentalidade respeitosa e investimento de tempo de qualidade dos pais com as crianças explicam a aquisição de habilidades não cognitivas na infância. Hei et al (2018) identificaram que o estilo parental mais negativo aumenta a agressividade nas crianças, bem como gera prejuízos na saúde física, mental, progresso acadêmico e o desenvolvimento da personalidade no referente a adaptação social. E por fim, Lim (2020) verificou a relação à relação causal entre autoestima, parentalidade disfuncional e apego aos pares. As crianças do estudo apresentam efeitos negativos na autoestima quando expostos a uma parentalidade disfuncional. Por outro lado, o apego com os pares promoveu efeitos positivos na autoestima dos indivíduos ao longo do tempo.

O segundo parâmetro em destaque no código “Modelo parental que foram criados” diz respeito às mães serem as responsáveis pelo processo de cuidado, educação e desenvolvimento de autoestima de seus filhos na maior parte dos sujeitos independente do modelo parental empregado por seus pais. Esse elemento presente nos discursos talvez possa justificar porque somente mães demonstraram interesse em responder ao estudo. As falas a seguir exemplificam isso:

Pai é da geração que a mãe é que cria. Ele trabalhava até as 18hs, mas não fazia muita coisa. S1

O meu pai não contribuiu em nada. Só para a não autoestima, com sua ausência. Uma autoestima negativa. Simplesmente não estava presente. As vezes até estava, por exemplo, eu estava a

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

brincar com ele quando miúda e torci o pescoço, e ele não fez nada. Minha mãe. Ao chegar à noite me levou as urgências do São João. Portanto, o que posso dizer disso... ele estava lá mas não estava. S2

A mãe foi mais presente na minha educação, muito mais que o pai. Ele era mais na parte escolar, dos testes, essas coisas normais, mas como a mãe era professora era ela que fazia o acompanhamento. S4

Mãe narcisista. Queria que eu seguisse as regras. Perdi meu pai aos 9 anos. S5

De acordo com a última pesquisa da PORTODATA (2021), pouco mais de 80% das famílias monoparentais portuguesas são de mulheres e cerca de 11% dos agregados familiares são cuidados por famílias monoparentais. Fidalgo (2021) indica que há mais mães solteiras e famílias monoparentais em que o adulto responsável é uma mulher, sendo Portugal o país dos 27 estados-membros da União Europeia que lidera essa estatística. De 2015 a 2019 houve um aumento de 107 mil para 189 mil de famílias de um só adulto a viver com filhos até 25 anos. Dos 49 mil bebês nascidos fora do casamento em 2021, 67, 5% coabitam com ambos os pais e 32.5% somente com as mães. As mães também ganham em média 10,6% menos que os pais.

De acordo com Ferreira (2021) Portugal foi o quinto país da União Europeia com maior impacto da pandemia no mercado de trabalho, tendo sido as mulheres as mais penalizadas. A pandemia de Covid-19 aumentou a desigualdade entre homens e mulheres, tanto no trabalho como em casa, tal como mostra um recente estudo do Instituto Europeu da Igualdade de Género. Para além disso, a sobrecarga psicológica afetou mais as mulheres na pandemia, de acordo com outro estudo recente de Ramos (2022). Já a OMS também alertou para os dados reveladores de que os índices de perturbação mental com ansiedade, depressão, entre outros, que subiram durante a pandemia e afetaram primordialmente a população feminina (Rocha, 2022). No país cresceu, ao longo da pandemia, o abandono precoce do emprego para cuidar de doentes, num fenómeno que atingiu sobretudo as

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos mulheres e que resultou em custos diretos e indiretos elevados devido à falta de verbas para aplicar planos de saúde mental (Silva, 2021).

A respeito da forma como as mães exercem sua parentalidade se verifica que somente 2 delas repetem algumas características dos modelos que receberam. As outras 4 desejam não repetir as referências que tiveram. O código “Modelo parental que criam os filhos” expressam seus desejos. Inicialmente são apresentadas as falas das que almejam repetir o que receberam:

Repito a parte exigente e aquela que acaba por ajudar, compreender. Por certo ela era mais benevolente que eu. Sou mais explosiva (é o meu feitio). Creio que fui muito mais exigente com a mais velha, por ela ser a primeira, queria que fosse a filha perfeita. Já na segunda, desconsidero muito mais coisas que a da primeira e acho que sou muito mais calma. S4

Eu repito dar-lhes voz e que opinem sobre tudo, incluindo minhas atitudes. Repito a liberdade com responsabilidade que sempre tive, em especial na adolescência do R. agora. Acho até que o modelo que uso é um pouquinho mais inflexível em relação a regras, mas aplico o modelo que tive. S3

Não repetiria e não repito. Por exemplo, faço questão de levar e buscar a minha filha. Não a deixo na escola mais tempo que o estritamente necessário. Eu era sempre a última a sair da escola e não gostava. S1

A distância do pai eu não repeti, meu marido é presente que meu pai e somos parceiros em educá-los mesmo que meu marido tenha circunstâncias de trabalho, e esteja mais fora que eu. Mas sei que se eu fosse para o outro lado do mundo ele estaria lá e seria pai e mãe. S2

Temos de compreender, participar, ser amável, impor regras, dizer que amamos, ensinar regras para crescerem. Não aplico quase nada daquilo que tive em termos de educação. Quando temos experiências negativas, não repetimos. S5

Me esforço ao máximo para lhe dar atenção, deixar ele falar, para ouvi-lo, ter tempo para brincar com ele, pois isso ficará marcado para sempre! S6

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Ao se observar as falas é possível encontrar respaldo no que foi referendado neste estudo na teoria de Young, Kloslo e Weishaar (2008) que propõem na Terapia de Esquema que os Esquemas Desadaptativos Remotos (EDR) que são fundamentados nas memórias vividas, gerando emoções e sensações corporais relacionados a si e as pessoas que nos circundam. Ribeiro e Cruz (2019) acrescentaram ainda que quanto mais experiências disfuncionais forem ativadas na família, mais EDRs serão ativados e maior será o impacto gerado na biologia do indivíduo.

O artigo de revisão sistemática de Basso et al (2019) que analisou 22 estudos que demonstraram a correlação entre EDRs e rejeição materna, estilos de criação dos pais e depressão. A revisão aponta alguns aspectos relevantes que serão destacados de acordo com elementos relacionados as falas das participantes deste estudo como: 1) os estudos revisados demonstram que a repercussões negativas de negligência, abuso e má resposta dos pais durante a infância e dificuldade em terem suas necessidades emocionais centrais atendidas estão conectados; 2) o desenvolvimento saudável da personalidade está ligado as necessidades atendidas em cinco domínios diferentes: aceitação e conexão; autonomia e desempenho; limites realistas; o direito de expressar pensamentos, emoções e sentimentos; e espontaneidade e brincadeira. Portanto, criar um ambiente positivo para o desenvolvimento de uma personalidade saudável depende do estilo de criação parental seja assertivo e de respeitar as necessidades específicas que acompanham o desenvolvimento cronológico humano. Caso contrário, a probabilidade de o indivíduo desenvolver problemas psicológicos ou psiquiátrico aumentam, podendo levar ao diagnóstico de um transtorno de personalidade na idade adulta. 3) Existe notável relação entre estilos de criação, EDRs e traços do que pode ser a personalidade do indivíduo funcionando no futuro. 4) a forma como um indivíduo lida na idade adulta com ativação esquemática é provável que seja uma representação bastante fiel da maneira enfrentou na infância as situações danosas/experiências que formam a base sobre a qual o EDRs foram desenvolvidas. Em outras palavras, esses comportamentos representam uma adaptação aos elementos nocivos do ambiente remoto (exemplo dado no artigo:

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos parentalidade negativa e transtornos alimentares); 5) Os pais desempenham um papel importante no que se refere à natureza do vínculo de apego seguro ou inseguro que estabelecem com seus filhos. 6) Crianças negligenciadas pela mãe são mais propensas a desenvolver depressão quando adultos e ter emoções e cognições negativas sobre elas mesmas, ou seja, podem desenvolver a percepção de não ser dignos de cuidados e carinho – o que é de acordo com a descrição do EDRs do primeiro domínio, Desconexão e Rejeição.

3.3.3 Categoria 3: Conceitos sobre autoestima

Esta categoria agrupou o conhecimento que as participantes possuem sob dois aspectos: o conceito de autoestima (elevada e baixa) e de que maneira essa se desenvolveu ao longo de suas vidas (infância, adolescência e atualmente). Para tal foram utilizados 5 códigos, sendo eles: Para o primeiro aspecto analisado se utilizou os códigos “Conceitos de autoestima elevada” e “Conceitos de autoestima baixa”. Para o segundo elemento de análise desta categoria se recorreu aos códigos “Autoestima na infância”, “Autoestima na adolescência” e “Autoestima atual”.

Pertinente ao conceito de autoestima as participantes trouxeram contribuições de ordem pessoal e social como parte do processo de construção desta. Na autoestima elevada 3 mães destacaram como reconhecimento de virtudes e habilidades pessoais e nas 3 falas seguintes as mães destacam a importância do suporte social para a autoestima elevada:

Autoestima é saber o que não quero. S1

Eu considero uma autoestima adequada nós termos consciência do que somos e das nossas fragilidades, mas não permitir que isso atrapalhe o nosso dia-a-dia. S3

Pra mim ter amor próprio. Se a gente se amar, tudo flui e temos clareza. S6

Para ter elevada, a capacidade financeira e o tempo pra si. Dinheiro ajuda, pra comprar o que gosta e ser uma pessoa que contribua, nos incentive, um personal. Para ter corpo e mente são. Poder ir de férias e nem todos podem, mas ajuda. S2

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Acho que a base da família é super importante, saber o que é ou não certo ajuda-te depois a ver o que é certo ou não para a tua vida. É também uma pessoa que se sente bem, confiante. S4

Na alta, as pessoas que te elogiam, que sabem ler nossas capacidades, que confiam em nós e nos respeitam. É importante respeitar a pessoa como ela é! Não devemos moldar as pessoas. S5

Orth (2018) explica que as diferenças individuais na autoestima ocorrem ao longo do ciclo de vida do indivíduo, porém, estudos recentes apontam a influência dos fatores genéticos e ambientais na construção desta, mas os fatores ambientais sobrepõem-se a genética, especialmente o ambiente familiar pois sua construção na infância se estende na vida adulta.

Harris & Orth (2019) avaliaram em sua metanálise de estudos longitudinais disponíveis sobre o efeito das relações sociais na autoestima (48 amostras, incluindo 46.231 participantes) e o contrário, o efeito da autoestima nas relações sociais (35 amostras, incluindo 21.995 participantes). Os resultados sustentaram achados de teorias clássicas e contemporâneas sobre a influência das relações sociais na autoestima e sobre as consequências da autoestima para o domínio do relacionamento. Em suma, existe forte ligação entre as relações sociais das pessoas e seu nível de autoestima e é verdadeiramente recíproca em todos os estágios de desenvolvimento ao longo da vida.

Já em relação aos contributos para uma autoestima baixa todas as participantes destacaram o ambiente externo como sendo o principal contributo. Somente uma das mães apontou características intrínsecas para a autoestima baixa. As falas apontam para isso:

Na baixa, considero que seja a falta de apoio e segurança que a pessoa receba. A autoestima tem que ser incentivada pelos outros, é também social. S1

Na negativa, não ter prazer na vida, não ter forças, ter levado só murros. Se dedicar e não ter recompensas. S2

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Na baixa, é o reforço permanente que aquilo seja uma condição mais baixa que venha a afetar toda a vida. Por exemplo, a pessoa ter orelhas de abano e estar sempre a reforçar negativamente que aquilo é feio e que não pode isso, que as pessoas não vão gostar vai ser superior ao resto. S3

Na baixa, as pessoas próximas criticam, diz que não somos inteligentes e fracos. São pessoas más, com comparações más. S5

Na baixa, ser criticado, repreendido, isso nos deita para baixo. S6

Uma autoestima baixa é quando não temos confiança em nós próprios. Quando temos problemas e não conseguimos dar respostas, não conseguimos partilhar eles. S4

Diante dos comentários das entrevistadas encontramos na análise de 3 estudos longitudinais de Orth, Robins & Meier (2009) modelos de diátese-estresse de depressão sugerem que a baixa autoestima e eventos estressantes influenciam conjuntamente o desenvolvimento da depressão. Os autores usaram dados de 3 estudos longitudinais de adolescentes e adultos jovens, que foram avaliados 4 vezes em um período de 3 anos (Estudo 1; N = 359), 3 vezes em um período de 6 semanas (Estudo 2; N = 249), e 4 vezes em um período de 6 anos (Estudo 3; N = 2.403). Em todos os 3 estudos, autoestima baixa e eventos estressantes predisseram independentemente a depressão subsequente, mas não interagiram na previsão do transtorno. Os resultados sugerem que a baixa autoestima e os eventos estressantes operam como fatores de risco independentes para a depressão. Além disso, os autores encontraram evidências em todos os 3 estudos de que a depressão, mas não a autoestima baixa, está relacionada a eventos estressantes, sugerindo que indivíduos com depressão elevada são mais propensos a experimentarem eventos estressantes posteriormente.

Na revisão integrativa de literatura de Castro, Lopes & Monteiro (2020), os autores estabeleceram as diferenças entre os instrumentos baixa autoestima crônica (BAC) e a autoestima situacional (BAS) e sua relação com a depressão em 32 artigos revisados para facilitar comportamento de risco em avaliação de enfermagem. O BAC consiste na avaliação negativa e/ou sentimentos negativos

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos sobre as próprias capacidades, com duração de pelo menos três meses, já o BAS, diz respeito ao desenvolvimento de percepção negativa sobre o seu próprio valor em resposta a uma situação atual. Os resultados apresentaram a literatura apontaram 7 indicadores clínicos (ideação suicida, solidão, enfrentamento ineficaz, ruminação, desesperança, insônia e busca de autoafirmação virtual) e 14 fatores etiológicos para baixa autoestima (recebe afeto inadequado; redução ou ausência de apoio social; alteração da imagem corporal; resignação negativa; baixa aceitação consciente; perfeccionismo mal adaptativo; estigmatização; coesão familiar insatisfatória; fadiga; percepção inadequada da condição de saúde; religiosidade prejudicada; renda financeira baixa; eventos estressantes e, por último, humor deprimido. Os indicadores clínicos ideação suicida e enfrentamento ineficaz apresentaram maior predominância no estudo. Em relação aos fatores etiológicos, eventos estressantes e estigmatização foram os mais frequentes, sendo ambos sugeridos como novos fatores relacionados para baixa autoestima. Recebe afeto inadequado e alteração na imagem corporal também foram identificados como elementos causais para os diagnósticos em estudos.

A respeito da maneira como os integrantes deste estudo desenvolveram a autoestima ao longo de suas vidas (infância, adolescência e atualidade) encontramos discursos análogos ao que foi encontrado no referencial teórico na adolescência e vida adulta, porém na infância, as mães relataram sentimentos negativos sobre suas infâncias. Um dos sujeitos elogiou a forma como foi educado em relação ao apoio que teve por parte da mãe lhe ajudar a lidar com uma dificuldade (em relação ao peso). Os demais discursos que fizeram menção a infância (3 sujeitos) relatam raiva e solidão como se pode constatar a seguir:

Meu maior exemplo é que eu sou uma mulher com excesso de peso e isso nunca me atrapalhou, porque eles nunca permitiram que isso fosse um problema. Eles diziam: “Tu tens si um problema de peso sim, mas isso nunca vai fazer de ti menos do que os outros”. E hoje, no adulto que me tornei, é isso mesmo. S3

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Não nascemos com ela, temos que ter um ambiente que nos leve a nos experimentarmos. Em criança se cria na infância. S1

Me sentia muito responsável na infância. Fazia tudo por mim mesma e isso me deixou marcas. Eu ajudava minha mãe e tinha que estudar. Tinha que obrigatoriamente me desenrascar sozinha. Sinto raiva de sentir tantas responsabilidades. S2

Queria ter tido mais atenção, de ter mãe e pai para brincarem comigo ao invés de ralhar, repreender, castigar que explicassem as coisas para mim. S6

As citações expressas pelas mães podem ser mais bem compreendidas nos resultados do estudo longitudinal de Krauss, Orth & Robins (2020) que avaliou o efeito do ambiente familiar (sob o olhar do pai, mãe e filho) no desenvolvimento da autoestima de crianças até a adolescência no período do 10 aos 16 anos em 674 famílias mexicanas que vivem nos Estados Unidos. Os resultados apontaram que pelo olhar das crianças o ambiente familiar afeta significativamente a autoestima delas, principalmente nas variáveis: o calor dos pais, o monitoramento dos pais e a presença do pai que previram positivamente a autoestima da criança, e afetaram negativamente a autoestima variáveis como depressão materna e as dificuldades econômicas.

Outro estudo de Orth (2018) mostrou a relação entre o ambiente familiar e a autoestima ao longo de 27 anos. O que se verificou no que diz respeito à autoestima, foram os efeitos duradouros da influência da família ambiente durante a primeira infância. O preditor mais importante foi a qualidade do ambiente doméstico, incluindo a qualidade da parentalidade e a estimulação parental da aprendizagem. Da mesma forma, a qualidade do ambiente domiciliar intermediou parcialmente os efeitos de outras características do ambiente familiar, como qualidade do relacionamento parental, depressão materna, presença do pai e pobreza. Portanto, experiências primárias infantis podem contribuir para a continuidade relativamente grande das diferenças individuais na autoestima ao longo da vida.

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Na adolescência os discursos apontaram que 3 mães deste estudo vivenciaram queda na autoestima neste estágio do desenvolvimento. Somente 1 sujeito comentou vivenciar de forma prazerosa essa fase. Não houve comentários acerca desta etapa em 2 dos sujeitos. Tal fenômeno pode ser verificados nos seus comentários:

Se eu contasse meus dramas ia ser pesado para a mãe. A forma deles lidarem comigo era insistir para ver se estava bem, mas não lhes dava peso. S1

Ajudava comprando roupas de marca, para nos enquadrarmos e não nos sentirmos diferentes dos outros e não mostrar tanta miséria entre os colegas mais ricos. S2

Acho que meus pais não me ajudaram a desenvolver minha autoestima. Eu própria lutei para ter minha autoestima de hoje. Acho que foi sair de casa aos 18 anos. Tive de ser autossuficiente e tive que acreditar em mim própria. S5

Na adolescência tive amor, mas não fui ouvida. S6

Ah, sim! Em termos de autoconfiança penso que eles sempre confiaram em mim. Desde os 13, 14 anos que saio, e sentia a confiança deles em mim. Nunca deixei de fazer nada pra trás, aproveitei com amigos, mas sempre na base da confiança. É uma das coisas que eu gostava e quero continuar para elas. S4

O que encontramos foi expresso pelas mães é constatado no estudo longitudinal de Chung et al (2017), que verificou a queda da autoestima na adolescência apresentando baixos níveis de satisfação com a vida e altos níveis de ansiedade e depressão o que se perpetua também até a vida adulta. Em outro estudo, também longitudinal, de Orth et al (2014) os autores destacam que na adolescência a autoestima baixa pode ser um preditor de risco de depressão. O estudo usou dados longitudinais de uma amostra de 674 adolescentes de origem mexicana que foram avaliados aos 10 e 12 anos. Os resultados apoiaram que o efeito de vulnerabilidade da baixa autoestima é influenciado por avaliações

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos gerais de valor (ou seja, autoestima global), e não por avaliações específicas de domínio de competência acadêmica, aparência física e competência no relacionamento com os pares.

Harter (2012), importante autora do desenvolvimento, revela que a autoestima declina e forma importante na transição para a adolescência, e sua queda pode ser explicado por uma ênfase ainda mais forte na comparação social, menos atenção pessoal por parte dos professores e mudanças na puberdade. No meio da adolescência, no entanto, a autoestima começa a se recuperar, processo que pode ser explicado pelo aumento da autonomia pessoal, senso de controle e maiores possibilidades de escolha de amigos, grupos de pares e atividades que correspondam à personalidade do indivíduo.

Como último elemento a ser analisado nas categorias podemos identificar como os entrevistados percebem sua autoestima atual. Apenas 5 delas trouxeram esse dado. 4 sentem-se bem com quem são hoje e apenas 1 se encontra em um período difícil e não vê sua autoestima elevada. Este último sujeito (S2) foi também o que apresentou menor escore na Escala de Autoestima de Rosenberg, apesar de todas elas apresentarem escores dentro do intervalo de autoestima elevada. As falas a seguir demonstram isso:

Há 10 anos que minha autoestima é diferente. Não ando de chicote e estou sempre a motivar-me. Isso é libertador, ser consciente do que somos e conseguimos. S1

Eu sei que sou uma mulher com excesso de peso e que em sociedade isso não é bem aceito, mas eu ultrapassei essa dificuldade por aquilo que eu sou. Minha autoestima é ter consciência dessa condição e aceito que ela é parte de mim e não permito que eu seja parte dela. S3

Uma é olhar para nós e gostarmos de nós, se achar capaz, não deixar ninguém nos manipular, acreditar em si e não dar ouvidos as pessoas. Não se deixar influenciar pelas opiniões dos outros. S5

A minha autoestima foi se criando com os amigos, pessoas queridas a volta. Fui aprendendo. Estar por mim há 4 anos melhorou muito minha autoestima. S6

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Neste momento, como eu me sinto creio que possa influenciar um bocadinho pois a minha autoestima está negativa no momento. Sinto que eles percebem. S2

De acordo como referencial deste estudo Schultheisz & Aprile (2013) explicam que na fase adulta o indivíduo se avalia a partir dos pensamentos e sentimentos internalizados ao longo da trajetória do seu desenvolvimento e se avalia como bom ou mau sujeito a partir dos processos de rejeição ou de aceitação que vivenciou.

Em outro estudo longitudinal, Orth, Trzesniewski & Robins (2010) avaliaram especificamente o desenvolvimento da autoestima de 3617 indivíduos com idades entre 25 e 104 anos, durante 16 anos. Os autores analisaram que a curva de crescimento indicou que a autoestima aumenta durante a idade adulta jovem e média, atingindo um pico por volta dos 60 anos e depois declinando na velhice. Não foram encontradas diferenças de coorte na trajetória da autoestima. Na população de mulheres encontraram menor autoestima do que os homens na idade adulta jovem, mas suas trajetórias convergiram na velhice. Brancos e negros tiveram trajetórias semelhantes na idade adulta jovem e média, mas a autoestima dos negros declinou mais acentuadamente na velhice do que a autoestima dos brancos. Indivíduos com maior escolaridade evidenciaram maior autoestima do que indivíduos menos escolarizados. Por fim, mudanças no nível socioeconômico e na saúde física são responsáveis pelo declínio da autoestima que ocorre na velhice.

Conclusões

Educar filhos para o desenvolvimento de uma boa autoestima é um tema de interesse muito abordado na atualidade com pesquisas bem fundamentadas. Realizar essa complexa tarefa dentro da perspectiva da parentalidade positiva e embasada na ciência pode auxiliar em um ciclo de vida saudável de crianças e adolescentes trazendo benefícios para a construção de uma sociedade mais equitativa e preditora de saúde mental em todas as suas dimensões.

Neste caminho, o presente estudo buscou identificar através da percepção de 6 mães portuguesas se existia relação entre a autoestima delas e o modelo parental que foram criadas para a formação da autoestima de seus filhos. Os resultados do estudo puderam ser agrupados em 3 categorias de respostas: 1) Os comportamentos utilizados para auxiliar no desenvolvimento da autoestima dos filhos, 2) As diferenças e similaridades entre o modelo parental da família de origem e a família atual e 3) Os conceitos sobre autoestima que as participantes possuem.

Através da categoria 1, os comportamentos utilizados para auxiliar no desenvolvimento da autoestima dos filhos, foi possível responder a três objetivos específicos: se os pais julgam que o modelo parental que adotam promoveu o bom desenvolvimento da autoestima, qual perspectiva que possuem sobre o desenvolvimento da autoestima dos filhos e se as variáveis gênero, idade, escolaridade e contexto social tiveram relação com o desenvolvimento desta. Os resultados apontaram que as mães acreditam estarem sendo capazes de desenvolver uma elevada autoestima em seus filhos e como estratégias para tal se utilizam de conversas sobre a escola e seus próprios exemplos de vida como forma de promoção desta nas crianças. Outro elemento marcante foi a respeito da necessidade de estudos. A maior parte dos sujeitos verbalizam ter estudado durante a gravidez, porém, somente uma das mães segue estudando. As demais estão abertas a continuar, mas não o fazem no momento ou alegam não ter tempo. Neste estudo não houve diferenças nos relatos das mães no referente a idade, escolaridade e estado civil. A variável contexto social também não demonstrou evidências como um

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos empecilho à boa construção de autoestima apesar de a variação de rendimentos não ser tão discrepante, porém, a mãe que possui rendimentos mais altos e maior nível de escolaridade é a que segue estudando para exercer a parentalidade. A variável gênero não foi investigada visto que nenhum pai entrou em contato para responder ao estudo. Todos os elementos relatados pelas mães convergem nos achados da literatura, exceto a decisão de não prosseguirem com os estudos sobre desenvolvimento na infância e adolescência, visto que a preparação de pais para a parentalidade é preditor de autoeficácia parental e protetora da saúde mental e física dos filhos.

A categoria 2, as diferenças e similaridades entre o modelo parental da família de origem e a família atual, procurou responder a dois objetivos específicos: modelos em que os sujeitos foram criados e se utilizam o mesmo modelo na educação de seus filhos. Os resultados para essa categoria mostram que nenhum dos sujeitos havia ouvido falar sobre modelos parentais e seus subtipos até a participação neste estudo. De acordo com a concepção das mães, duas foram criadas no modelo permissivo, duas no modelo autoritário e duas no modelo autoritativo. Somente os sujeitos que relataram ter uma educação autoritativa manifestaram afetividade, elogios e desejo de repetição com os filhos do que receberam dos pais. Outro dado significativo foi que independente do modelo utilizado somente as mães das entrevistadas eram as responsáveis pelos cuidados parentais. Todas as entrevistadas aplicam o modelo autoritativo para exercer sua parentalidade e todas relataram não desejar repetir a forma como foram criadas, exceto duas (as criadas no modelo também autoritativo), que tencionam repetir alguns elementos do modelo que receberam. Tais achados apoiam o quanto a forma como os pais exerceram a parentalidade influenciou nas experiências, nas emoções e nas ações dos sujeitos da pesquisa.

E por fim, na categoria 3, os conceitos sobre autoestima foram analisados sobre o objetivo específico restante: como as mães qualificam sua autoestima. As respostas das participantes demonstraram uma autoestima adequada para a etapa do desenvolvimento que se encontram, tando

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

no resultado da Escala de Autoestima de Rosenberg quando pelos discursos. Destacaram que para ter uma elevada autoestima é necessário reconhecimento de virtudes e habilidades pessoais bem como de suporte social e que na baixa estima a maioria delas atribuiu o ambiente social como o principal responsável. Revelaram que ao longo da infância a maior parte delas sentiu solidão e raiva e somente uma sentiu-se apoiada. Na adolescência, metade delas vivenciou uma queda significativa da autoestima, uma vivenciou essa etapa de forma prazerosa. As demais não fizeram menções a sua adolescência. Por fim, na fase atual a maior parte das mães se sentem bem com quem são hoje. Os achados teóricos da atualidade apontam grande importância do ambiente social para a construção da autoestima e que essa varia ao longo do desenvolvimento sendo alta na infância, baixa na adolescência e elevada na vida adulta, porém, nesta pequena amostra de mães houve a presença da autoestima baixa na infância e adolescência na maior parte dos sujeitos e elevada na vida adulta.

Diante dos elementos encontrados o presente estudo contribuiu para compreender como mães desta amostra vêm desenvolvendo a autoestima de seus filhos através de um modelo parental autoritativo, mesmo não tendo sido criadas no mesmo modelo, e mostrando que a parentalidade positiva é utilizada como conjunto de ações parentais. Este resultado apoia o que foi encontrado em estudos sobre o tema no mundo, ou seja, que este modelo é o que mais promove maiores benefícios ao desenvolvimento de crianças e adolescentes. Outro aspecto a ser destacado é que ainda existem poucos estudos sobre o tema em Portugal.

Como limitações do estudo é possível destacar a reduzida amostra, visto que pode não traduzir a representação da maior parte dos lares portugueses. Outro elemento relevante foi a ausência da representação masculina na pesquisa, pois infelizmente nenhum pai se ofereceu para participar da investigação. Talvez, se um estudo piloto tivesse sido realizado, a população poderia ter sido maior, a busca dos sujeitos poderia ter sido efetuada de outra forma, como por exemplo, em escolas de níveis sociais diversos, o que poderia revelar resultados mais detalhados ou, até mesmo, ter os resultados

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos apurados de forma presencial em grupo focal. Outro fator importante é que as respostas podem ter um viés de desejabilidade visto que o tema “percepção dos pais sobre a construção da autoestima dos filhos” poderá induzir o desejo de corresponder a uma resposta social adequada em relação a parentalidade.

Para investigações futuras sugere-se mais estudos com populações maiores, somente com pais ou com pais e mães, sejam qualitativos, quantitativos ou ambos. Pesquisas incluindo relato de pais e crianças também podem ser realizadas com o objetivo de identificar se existem diferenças nas percepções dos envolvidos e se as estratégias empregadas pelos pais são sentidas pelas crianças como promotoras de autoestima. Pode-se ainda realizar a aplicação de programas de intervenções de parentalidade positiva em grupos de portugueses e identificar quais mudanças no grupo experimental comparado ao grupo controle. Por fim, estudos longitudinais poderiam ser efetuados no país sobre o tema comparando resultados entre países europeus ou até mesmo em países que falam português como língua *matter*. Essas pesquisas poderiam acarretar benefícios à população como criação de programas mais efetivos para promoção de saúde mental ao longo do desenvolvimento de crianças e adolescentes nos países que englobassem tais investigações.

A relevância deste tema é justificada pelo grande número de pesquisas existentes, pois deflagram melhorias nas relações pais e filhos, no ambiente familiar e social no desenvolvimento ótimo do indivíduo. Tais medidas implicariam em redução de problemas graves como a formação de perturbações mentais como depressão, ansiedade, transtornos de personalidade, ou ainda em comportamentos de risco como violência intrafamiliar e social, dificuldade de regulação emocional e até suicídio.

Neste desfecho, a seguinte reflexão elucidada sobre a importância de nossas vivências ao longo da vida influenciando de forma profunda a construção do sujeito e a forma como ele irá se desenvolver, se reconhecer e se expressar onde ele interagir: “*As crenças que temos sobre nós mesmos, sobre o mundo*

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

e sobre o futuro, determinam o modo como nos sentimos: o que e como as pessoas pensam afeta profundamente o seu bem-estar emocional”(Beck & Kuyken, 2003, p.53). Desta forma, não

instrumentalizar pais para expressarem uma parentalidade positiva adequada na educação de seus filhos não faz mais sentido, tanto para a psicologia baseada em evidências quanto para a neurociências, mostrando que os profissionais de saúde aliados a ciência precisam assumir esse papel e auxiliar nesse processo de transformação que beneficiará a todos, em especial as futuras gerações.

Referências Bibliográficas

- Albanese, A.M., Russo, G.R., Geller, P.A. (2019, May). The role of parental self-efficacy in parent and child well-being: A systematic review of associated outcomes. *Child: Care, health and development*, 45(3), 333-363. <https://doi.org/10.1111/cch.12661>
- Almeida, L. & Freire, T. (2008). *Metodologia de investigação em psicologia e educação* (5ª. ed). Psiquilíbrios.
- Andrade, E., Souza, E. (2010). Autoestima como expressão de saúde mental no dispositivo de mudanças na cultura organizacional da polícia. *Psicologia Clínica*. 22(2), 179-195.
<https://doi.org/10.1590/S0103-56652010000200012>
- APAV- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2020a). Apoio a crianças e jovens vítimas de violência sexual 2016-2020.
https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_Infografia_CARE_2016_2020.pdf
- APAV- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima-APAV (2020b). Estatísticas APAV Relatório anual 2020.
https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2020.pdf
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
<https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>
- Basso L.A., Fortes A.B., Maia C.P.E., Steinhorst E., Wainer R. (2019, October 17). The effects of parental rearing styles and early maladaptive schemas in the development of personality: a systematic review. *Trends Psychiatry Psychother.* 41(3), 301-313. <https://doi.org/10.1590/2237-6089-2017-0118>

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Baumrind, D. (1966, December). Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. *Child Development*. 37(4), 887-907. <https://www.jstor.org/stable/i247266>

Beck, A. T., Kunken, W. (2003). Terapia cognitiva: abordagem revolucionária. In Abreu, C. N., Roso M. (orgs.) *Psicoterapias cognitiva e construtivista: novas fronteiras da prática clínica*. Artmed. 53-60. <http://www.ava-edu.net/biblioteca/wp-content/uploads/2020/08/psicoterapias-cognitiva-e-construtivista.pdf>

Brummelmann, E., Nikolić, M., Nevicka, B. & Bögels, S.,M. (2022, May 3). Early physiological indicators of narcissism and self-esteem in children. *Psychophysiology*. 59 (10). <https://doi.org/10.1111/psyp.14082>

Carvalho, O., Lobo, C. C., Menezes, J.& Oliveira, B. (2019, Julho-Setembro). O valor das práticas de educação parental: visão dos profissionais. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*. 27 (104), 654-684.. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002701653>

Castro, N.B., Lopes, M.,V.,O., Monteiro, A.R.M. (2020, February). Low Chronic Self-Esteem and Low Situational Self-Esteem: a literature review. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 10;73(1). <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0004>

Chung, J., Rutterman, R., van Aken, M., Denissen, J. (2017). High, low, and in between: Self-esteem development from midle childhood to young adulthood. *Journal of Research in Personality*. 70, 122-133. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jrp.2017.07.001>

Coopersmith, S. (1967). The antecedents of self-esteem. *Behavior Science*. 15(2), 188-191 <https://doi.org/10.1002/bs.3830150212>

Coopersmith, S. (1981). *Self-esteem inventories*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists [doi: 10.1007 / 978-3-319-28099-8 81-1](https://doi.org/10.1007/978-3-319-28099-8_81-1)

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Cozby, P. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. Ed. Atlas.

Cruz, O (2014, Março 28). Que Parentalidade? A tutela civil do superior interesse da Criança. *Centro de Estudos Judiciários*. 105-135. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/118460/2/308787.pdf>

Deng, L., Tong, T. (2020, August) Parenting style and the development of noncognitive ability in children. *Cina Economic Review*. 62. <https://doi.org/10.1016/j.chieco.2020.101477>

Feliciano, I., P., Afonso, R., M. (2012). Estudo sobre a auto-estima em adolescentes dos 12 aos 17 anos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 13 (2), 252-265. http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862012000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

Fernandes, M. (2014). *A influência da autoestima, das competências emocionais e dos comportamentos de saúde no bem-estar psicológico do adolescente*. [Master thesis, Universidade Católica Portuguesa]. Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13655/1/Tese%20%20Marlene%20Fernandes.pdf>

Ferreira, S. (2021, Outubro 20). Alice no país das sobrecargas. *Expresso* <https://expresso.pt/opiniao/2021-10-20-Alice-no-Pais-das-Sobrecargas-e9e2ad9c>

Fidalgo, V. (2021, Março 8). A cada vez mais mulheres sozinhas a cuidar dos filhos. *Correio da Manhã*. <https://www.cmjornal.pt/exclusivos/detalhe/ha-cada-vez-mais-mulheres-sozinhas-a-cuidar-dos-filhos>

Freitag, R., M., K. (2018). Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência? *Revista de Estudos da Linguagem*. V 26 (2), p. 667-686. <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/12412/pdf>

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Garcia, O., F., Serra, E. (2019, April). Raising Children with Poor School Performance: Parenting Styles and Short- and Long-Term Consequences for Adolescent and Adult Development. *Res. Public Health*. 16(7), 1089. <https://dx.doi.org/10.3390%2Fijerph16071089>

Gotmann, J., Declaire, J. (2005). Inteligência emocional, a arte de educar nossos filhos. *Objetiva*. <https://www.scribd.com/doc/319598844>

Guisso, L. Bolze, S., D., A., Vieira, M.,L., (2019, Janeiro-Abril). Praticas parentais positivas e programas de treinamento parental: uma revisão sistemática de literatura. *Contextos Clínicos*. 12 (1), 226-255. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2019.121.10>

Harris, M. A., Donnellan, M. B., Guo, J., McAdams, D. P., Garnier-Villarreal, M., Trzesniewski, K. H. (2017). *Parental Co-Construction of 5- to 13-Year-Olds' Global Self-Esteem Through Reminiscing About Past Events*. *Child Development*, 88(6), 1810–1822. <https://doi.org/10.1111/cdev.12944>

Harris M.A., Orth U. (2022, December) The link between self-esteem and social relationships: A meta-analysis of longitudinal studies. *J Pers Soc Psychol*. 119(6), 1459-1477. <https://doi.org/10.1037/pspp0000265>

Harter, S. (2012). *The construction of the self: Developmental and sociocultural foundations*. Nova York, NY: Guilford. https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=OZ2tCAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&ots=WudujAeQKP&sig=MHylxYUrKGme34--3lCXU9CO_cg&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false

Hei, H., Chiu, M. M., Cui, Y., Zhou, W., Li, S. (2018, November). Parenting Style and Aggression: A Meta-Analysis of Mainland Chinese Children and Youth. *Children and Youth Service Review*. 94, 446-455. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2018.07.033>

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Imran, S., Jackson, S. (2022, April) Attachment relationships and psychological distress in young adults:

The mediating role of self-esteem. *Journal of Affective Disorders Reports*. 8

<https://doi.org/10.1016/j.jadr.2022.100328>

Janeiro, I. (2008, Maio). Inventário de Auto-estima de Coopersmith: Características Psicométricas da

versão portuguesa. *Conference: Actas da XIII Conferência Avaliação Psicológica: Formas e*

Contextos. Psiquilíbrios Actas em CD.

https://www.researchgate.net/publication/235343366_Inventario_de_Auto-

[Estima de Coopersmith Caracteristicas psicometricas da versao portuguesa](https://www.researchgate.net/publication/235343366_Inventario_de_Auto-Estima_de_Coopersmith_Characteristicas_psicometricas_da_versao_portuguesa)

Krauss, S., Orth, U., Robins, R.W. (2020, August). Family environment and self-esteem development: A

longitudinal study from age 10 to 16. *Journal Pers Soc Psychol*. 119(2):457-

478. <https://doi.org/10.1037%2Fpspp0000263>

Lavric, M., Naterer, A. (2020, September). The power of authoritative parenting: A cross-national study

of effects of exposure to different parenting styles on life satisfaction. *Children and Youth Services*

Review. 116. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2020.105274>

Lim, Y. (2020, September). Self-esteem as a mediator in the longitudinal relationship between

dysfunctional parenting and peer attachment in early adolescence. *Children and Youth Services*

Review. (116). <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2020.105224>

Lima, I. (2018). Promover a Parentalidade Positiva- O Triplo P em Portugal. *Atas do VI Seminário*

Internacional de Cognição, Aprendizagem e Desempenho da Universidade do Minho. 28 e 29 de

Junho. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/117087/2/289945.pdf>

Loy S. L, Thilagamangai, T. J, Chan S.W., Razak N.K. A., Chay O.M., Ng K.C. (2021, March 6). A

Community-enabled Readiness for first 1000 Days Learning Ecosystem (CRADLE) for first-time

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

families: study protocol of a three-arm randomised controlled trial. *Trials*.22(191).

<https://doi.org/10.1186/s13063-021-05144-5>

Maccoby, E. E. & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction.

In: Mussen, P., Hetherington, E. *Handbook of Child Psychology: Socialization, personality, and social development*. (4 ed), Wiley, 1-101.

Marconi, M., Lakatos, E. (2003). *Fundamentos de Metodologia de Pesquisa*. Atlas (5 ed).

Martinez, I., Garcia, F., Veiga, F., Garcia, O., F., Rodrigues, Y., Serra, E. (2020). Parenting Styles,

Internalization of Values and Self-Esteem: A Cross-Cultural Study in Spain, Portugal and Brazil.

International Journal of environmental research and public health. 17(7), 2370.

<https://doi.org/10.3390/ijerph17072370>

Maslow, A. (2012). *A Toward a Psychology of Being* (English Edition). Ed Stat

Publishig <https://amz.onl/hhqwUqk>

Miguel, I., Valentim, J.,P., Carugati, F. (2009). Questionário de Estilos e Dimensões Parentais- Versão

Reduzida: Adaptação Portuguesa do *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire- Short Form*.

Psicológica. 51, 169-188. https://doi.org/10.14195/1647-8606_51_11

Neppl, T., K., Jeon, S., Diggs, O., Donnellan, M., B., (2020, March). Positive parenting, effortful control,

and developmental outcomes across early childhood. *Developmental Psychology*. 56(3), 444-457.

<https://doi.org/10.1037/dev0000874>

Nunes, L., Fonte, C., Alves, S., Sani, A., Estrada, R. & Caridade, S. (2019). *Comportamento e Saúde*

Mental: Dicionário Enciclopédico, Pactor, 227-228.

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Ordem dos Psicólogos Portugueses, (2011). Código deontológico da ordem dos psicólogos Portugueses.

Diário da República 2ª série, 246/2.

https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/regulamento_nao_637_2021.pdf

Organização das Nações Unidas (2020, Junho 18). Cerca de um bilhão de crianças no mundo são vítimas

da violência todos os anos. *ONU News*. <https://news.un.org/pt/story/2020/06/1717372>

Orth U. (2018, Abril). The family environment in early childhood has a long-term effect on self-esteem: A

longitudinal study from birth to age 27 years. *Journal of Personality and Social Psychology*.

114(4):637-655. <https://doi.org/10.1037/pspp0000143>

Orth, U., Erol, R.Y., & Luciano, E.C. (2018). Development of Self-Esteem From Age 4 to 94 Years: A Meta-

Analysis of Longitudinal Studies. *Psychological Bulletin*, 144 (10), 1045-1080.

<https://doi.org/10.1037/bul0000161>

Orth, U., & Robins, R., W. (2022). Is high self-esteem beneficial? Revisiting a classic question. *American*

Psychologist, 77(1), 5–17. <https://doi.org/10.1037/amp0000922>

Orth, U., Robins, R., W., Meier, L., L. (2009). Disentangling the effects of low self-esteem and stressful

events on depression: Findings from three longitudinal studies. *Journal of Personality and Social*

Psychology, 97(2), 307–321. <https://doi.org/10.1037/a0015645>

Orth, U., Robins, R.,W., Widaman, K., F., Conger, R., D. (2014, February) Is low self-esteem a risk factor

for depression? Findings from a longitudinal study of Mexican-origin youth. *Development*

Psychology 50(2):622-33. <https://doi.org/10.1037/a0033817>

Orth, U., Trzesniewski, K., H., Robins, R., W. (2010., April) Self-esteem development from young

adulthood to old age: a cohort-sequential longitudinal study. *Journal of Personality and Social*

Psychology. 98(4), 645-58. <https://doi.org/10.1037/a0018769>

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Pachorro, P., Marôco, J., Poiares, C., Vieira, R., (2011, Dezembro). Validação da Escala de Auto-estima de Rosenberg com Adolescentes Portugueses em Contexto Forense e Escolar. *Arquivos de Medicina*, 25 (5-6).

[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S087134132011000500002&lng=pt
&nrm=i.p](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S087134132011000500002&lng=pt&nrm=i.p)

Palmer M.L., Keown L.J., Sanders M.R., Henderson M. (2019). Enhancing Outcomes of Low-Intensity Parenting Groups Through Sufficient Exemplar Training: A Randomized Control Trial. *Child Psychiatry Hum. Dev.* Jun; 50(3):384-399. doi: <https://doi.org/10.1007/s10578-018-0847-z>

Patias, N., D., Hohendorff, J., V. (2019, Dezembro). Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. *Psicologia em Estudo*. 24. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.43536>

PORTODATA- Estatísticas sobre Portugal e Europa (2021). Famílias clássicas monoparentais do sexo feminino.

[https://www.pordata.pt/Portugal/Fam%C3%ADlias+cl%C3%A1ssicas+monoparentais+do+sexo+feminino+\(percentagem\)-532](https://www.pordata.pt/Portugal/Fam%C3%ADlias+cl%C3%A1ssicas+monoparentais+do+sexo+feminino+(percentagem)-532)

Quintão, S., Delgado A., R., Prieto, G., (2011). Avaliação da Escala de Auto-Estima de Rosenberg. *Psicologia*, XXV (2), 87-101. <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v25n2/v25n2a05.pdf>

Ramos, M., I., B., (2022). *Profissionais de saúde em tempo de pandemia: O papel do serviço de saúde ocupacional*. [Master thesis,]. Iscte -Instituto Universitário de Lisboa.

<http://hdl.handle.net/10071/25529>

Reis, E., M., Coelho, E., C. (2020. Junho 18). Países estão falhando em prevenir a violência contra crianças, alertam agências. *UNICEF Brasil- Fundo das Nações Unidas para a Infância*.

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/paises-estao-falhando-em-prevenir-violencia-contracrianças>

Ribeiro, K., C., S., Cruz, R. L., (2019, Julho-Dezembro). Inventário de estilos parentais de Young: validação em crianças paraíbanas. *Mudanças*. 27(2).

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-32692019000200004

Rijo, D. (2009). *Esquemas mal-adaptativos precoces: validação do conceito e dos métodos de avaliação*. [Unpublished doctoral dissertation]. Universidade de Coimbra.

<http://hdl.handle.net/10316/18486>

Rocha, L. (2022, Março 2). Casos de ansiedade e depressão cresceram 25% durante a pandemia, diz

OMS. *CNN Brasil*. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/casos-de-ansiedade-e-depressao-cresceram-25-durante-pandemia-diz-oms/>

Rosenberg, M. (1965a). Self Esteem Scale (RSES). *APA PsycTests*.

<https://doi.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F01038-000>

Rosenberg, M. (1965b). *Society and the adolescent self-image*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

<https://books.google.pt/books?hl=pt->

[PT&lr=&id=YR3WCgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=Rosenberg,+M.+\(1965\).+Society+and+the+adolescent+self-image.+Princeton,+NJ:+Princeton+University+Press.&ots=rMV6A2fFPW&sig=2K5kQ-F4g4zkMRdBWoby-zfFf68&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=YR3WCgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=Rosenberg,+M.+(1965).+Society+and+the+adolescent+self-image.+Princeton,+NJ:+Princeton+University+Press.&ots=rMV6A2fFPW&sig=2K5kQ-F4g4zkMRdBWoby-zfFf68&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)

Robinson, C. C., Mandleco, B., Olsen, S. F., & Hart, C. H. (2001). The Parenting Styles and Dimensions Questionnaire (PSDQ). In B. F. Perlmutter, J. Touliatos & G. W. Holden (Eds.), *Handbook of family measurement techniques* (Vol. 3. Instruments and index, pp.319-321). Thousand Oaks: Sage

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Ruiz-Zaldibar, C., Serrano-Monzó, I., Mujika, A. (2018, May-June). Parental competence programs to promote positive parenting and healthy lifestyles in children: a systematic review. *Journal of Pediatrics*. 94 (3), 238-250. <https://doi.org/10.1016/j.jpeds.2017.07.019>

Sampaio, J. (2009). O Maslow desconhecido: uma revisão de seus principais trabalhos sobre motivação. *Revista de Administração*, 44 (1) 5-16.

<https://www.scribd.com/document/35563521/O-Maslow-Desconhecido-uma-revisao-de-seus-principais-trabalhos-sobre-motivacao>

Santos, P., J., Maia, J. (2003). Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da Escala de Auto-Estima de Rosenberg. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 253-268. [https://repositorio-](https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/16170/2/SantoseMaia2003000077930.pdf)

[aberto.up.pt/bitstream/10216/16170/2/SantoseMaia2003000077930.pdf](https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/16170/2/SantoseMaia2003000077930.pdf)

Santos, P., J. (2008). Validação da Rosenberg Self-esteem Scale numa amostra de estudantes do ensino superior. In: Noronha, A., Machado, C., Almeida, L., Gonçalves, M., Martins, S, Ramalho, V. (organizadores). *Avaliação Psicológica: formas e contextos*, vol XIII [CD-Rom]. Psiquilíbrios Edições

<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/16164/2/Santos2008000077971.pdf>

Sbicigo, J., B., Bandeira, D., R., Dell'Aglio, D., D. (2017, Dezembro). Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR): validade fatorias e consistência interna. *Psico-UFS*. 15 (3), 395-403.

<https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000300012>

Schavarem, L.,N., Toni, C., G.,S., (2019). A relação entre as práticas educativas parentais e a autoestima da criança. *Pensando famílias*, 23(2), 147-161.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-494X2019000200012

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Schultheisz, T., S., V., Aprile, M., R. (2013). Autoestima, conceitos correlatos e avaliação. *Revista Equilíbrio Corporal e Saúde*, 5(1), 36-48.

<https://revista.pgsskroton.com/index.php/reces/article/view/22>

Seligman, M. (2002). *Felicidade Autêntica: usando a nova Psicologia Positiva para realização permanente*. Objetiva <https://amz.onl/5kVnEmv>

Silva, P.,F. (2021, Setembro 9). Cresce o abandono precoce do emprego para cuidar de doentes. *JN*.

<https://www.jn.pt/especiais/descobrir-mentes/cresce-o-abandono-precoce-do-emprego-para-cuidar-de-doentes-14104975.html>

Silva Junior, L., A., Leão, M. (2018, Julho-Setembro). O *software* ATLAS.ti como recurso para análise de conteúdo; analisando a robótica no ensino de ciências em teses brasileiras. *Revista Ciências e Educação*. 24 (3), 715-728. <https://doi.org/10.1590/1516-731320180030011>

Sokolovic, N., Rodrigues, M., Tricco, A., C., Dobrina, R., Jenkins, J., M. (2021, August). Teaching Parents to Be Responsive: A Network Meta-analysis. *Pediatrics*. 148(2). [10.1542/peds.2020-033563](https://doi.org/10.1542/peds.2020-033563)

Tralhão, F., Rosado, A., F., Gil, E., Amendoeira, J., Ferreira, R., Silva, M. (2020). A família como produtora da transição para a parentalidade. *Revista UIIPS*, 8 (1), 17-30.

<https://doi.org/10.25746/ruiips.v8.i1.19874>

Wendt, G., W., Appel-Silva, M. (2020). Práticas parentais e associações com autoestima e depressão em adolescentes. *Pensando Famílias*. 24 (1), 224-238.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100016&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

Young, J. (1999). *Young Parenting Inventory (YPI)*. <http://www.schematherapy.com/>

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Young, J., Klosko, J., Weishaar, M. (2008). *Terapia cognitiva para transtornos da personalidade: Uma abordagem focada em esquemas*. ArtMed.

Anexos

Anexo A

Declaração Comissão de Ética



Universidade Fernando Pessoa

*Do conhecimento à ciência e
orientador(a).*

[Handwritten signature]
23.05.2022

Exmo. Senhor
Prof. Doutor Pedro Reis
Diretor da FCHS

Nº	Data
FCHS/PCN – 298/22-2	20 de Maio de 2022

Exmo. Senhor Professor Doutor,

A Comissão de Ética apreciou a ressubmissão do projeto de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde apresentado por Sabrina Guerreiro Caldeira, intitulado "A percepção dos pais sobre a autoestima dos filhos".

As alterações solicitadas no parecer anterior foram realizadas.

Deste modo, a Comissão de Ética considera nada haver a opor quanto à realização deste projeto.

Com os melhores cumprimentos,

A Presidente da
Comissão de Ética da UFP

Inês Lopes Cardoso
Inês Lopes Cardoso



Fundação Ensino e Cultura "Fernando Pessoa"

NIPC: 502 057 602 - Reg. Comercial nº 26 Conservatória do Registo Comercial do Porto

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA (REITORIA) - (FACULDADE DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA) - (FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS)
Praça 9 de Abril, 349 - 4249-004 Porto - Portugal - T. +351 22 507 1300 - www.ufp.pt - geral@fundacaofernandopessoa.pt
(FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE) Rua Carlos da Maia, 296 - 4200-150 Porto - Portugal - T. +351 22 507 4630

ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE FERNANDO PESSOA
Rua Delfim Maia, 334 - 4200-253 Porto - Portugal
T. +351 22 509 6371 - geral@ess.fernandopessoa.pt

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Anexo B

Declaração de Assentimento Informado

Declaração de Assentimento Informado

Universidade Fernando Pessoa
Praça 9 de Abril, 349
4249-004 Porto/Portugal
Tel. +351 225 071 300
Orientador: pcunha@ufp.edu.pt
Conselho de Ética: comissaodeetica.ufp@ufp.edu.pt

Designação do Estudo:

Você foi convidado a participar do estudo "A percepção dos pais sobre a construção da autoestima dos filhos" desenvolvido por Sabrina Guerreiro Caldeira, orientada pelo Professor Doutor Pedro Cunha, a quem poderá contatar (através do e-mail pcunha@ufp.edu.pt) a qualquer momento que julgar necessário.

O estudo consiste na realização do preenchimento de três questionários via online (Questionário de Caracterização Sociodemográfica, Escala de Autoestima de Rosenberg e o Questionário de Estilos e Dimensões Parentais- Versão Reduzida - Parenting Styles and Dimensions Questionnaire- Short Form) e uma entrevista que será realizada através da plataforma Zoom agendada pela pesquisadora após a realização do preenchimento dos instrumentos acima citados.

Você terá os resultados de suas respostas no momento da entrevista e a conversa será embasada em sua experiência pessoal sobre o tema do estudo. As suas respostas serão registadas pela pesquisadora através de anotações para posteriormente serem analisadas. Sua identidade será completamente preservada no momento da análise e categorização dos dados, sendo seu nome alterado.

Se você deseja ter um retorno de sua contribuição nesta pesquisa, ao término do preenchimento do formulário manifeste seu desejo para agendarmos um encontro online para lhe ofertar a devolução do que foi encontrado nos resultados. Se você concorda com estes termos e deseja participar do estudo, peço que preencha as informações a seguir.

Compreendi as explicações acima fornecidas acerca da minha participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que será desenvolvido. Além disso, compreendo que tenho o direito de recusar a todo o tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

1. Eu concordo em participar do estudo: *

Marcar apenas uma oval.

Concordo

Discordo

2. Escreva aqui seu nome completo. *

3. Desejo ter o retorno dos resultados do estudo *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

4. Coloque abaixo o seu e-mail para que eu possa agendar com você o retorno de sua participação. *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Anexo C

Questionário de Caracterização Sociodemográfica

Questionário de Caracterização Sociodemográfica

Este questionário deseja avaliar se existe relação entre autoestima e modelos parentais. Estas são algumas questões para que possa ser possível identificar algumas características dos sujeitos de pesquisa. Mais uma vez reforçamos que suas informações serão mantidas em completo sigilo e que após o levantamento dos resultados os questionários serão eliminados.

*Obrigatório

1. Você possui pelo menos um filho matriculado no 1º ciclo frequentando uma escola portuguesa? *

Marque todas que se aplicam.

- Sim
 Não

2. Quantos filhos tem? *

3. Que idade ele ou eles têm respetivamente? *

4. Qual o género de seu(s) filho/filha(s)? *

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

5. Seu filho que está no 1º ciclo possui alguma deficiência, doença crônica ou transtorno psiquiátrico grave? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

6. Qual a sua nacionalidade? *

7. Qual a cidade onde reside? *

8. Qual a sua idade? *

9. Qual o seu gênero? *

Marcar apenas uma oval.

Masculino

Feminino

10. Qual seu estado civil? *

11. Qual a sua escolaridade? *

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

12. Qual o rendimento mensal de sua família? *

Marcar apenas uma oval.

- Rendimento Familiar até 600€
- Rendimento Familiar de 600€-1500€
- Rendimento Familiar de 1500€-3000€
- Rendimento Familiar maior 3000€

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Anexo D

Escala de Autoestima de Rosenberg Validado para a população portuguesa por Santos (2009)

Escala de Autoestima de Rosenberg

Assinale de acordo à conceção de valor que tem por si próprio(a):

- (1) Discordo Fortemente
- (2) Discordo
- (3) Concordo
- (4) Concordo Fortemente

1. 1. Globalmente, estou satisfeito(a) comigo próprio(a) *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Discordo Fortemente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo Fortemente

2. 2. Por vezes penso que não sou bom/boa em nada. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Discordo Fortemente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo Fortemente

3. 3. Sinto que tenho algumas qualidades. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Discordo Fortemente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo Fortemente

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

4. 4. Sou capaz de fazer as coisas tao bem como a maioria das pessoas. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Discordo Fortemente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo Fortemente

5. 5. Sinto que não tenho muito de me orgulhar *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Discordo Fortemente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo Fortemente

6. 6. Por vezes sinto-me, de facto, um(a) inútil. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Discordo Fortemente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo Fortemente

7. 7. Sinto-me uma pessoa de valor, pelo menos quanto à generalidade das pessoas. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Discordo Fortemente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Concordo Fortemente

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

8. 8. Gostaria de ter mais respeito por mim próprio(a). *

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4

Discordo Fortemente Concordo Fortemente

9. 9. Bem vistas as coisas, inclino-me a sentir que sou um(a) falhado(a). *

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4

Discordo Fortemente Concordo Fortemente

10. 10. Adoto uma atitude positiva para comigo. *

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4

Discordo Fortemente Concordo Fortemente

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Anexo E

Questionário de Estilos e Dimensões Parentais Validado para a População Portuguesa por Miguel, Valentim & Carugati (2009)

The image shows a Google Forms interface for a questionnaire. At the top, there are navigation icons (back, forward, search, etc.) and a profile picture. The title of the form is 'Questionário de Estilos e Dimensões Parentais' with sub-tabs for 'Perguntas', 'Respostas', and 'Configurações'. The score is 'Total de pontos: 0'. The main heading is 'Questionário de Estilos e Dimensões Parentais- Versão Reduzida'. Below this, there is an introductory text: 'Este questionário avalia com que frequência atua de determinado modo com o(a) seu/sua filho(a). Por favor, leia cada frase do questionário e responda com que frequência atua desse modo com o(a) seu/sua filho(a). Atuo desta maneira: 1 = Nunca, 2 = Poucas vezes, 3 = Algumas vezes, 4 = Bastantes vezes, 5 = Sempre'. There is an 'E-mail' field with a red asterisk and a label 'E-mail válido'. Below the field, it says 'Este formulário está coletando e-mails. [Alterar configurações](#)'. The first question is '1. Dou resposta aos sentimentos e necessidades do(a) meu/minha filho(a).', followed by a 5-point Likert scale with radio buttons and labels 'Nunca' and 'Sempre'. The second question is '2. Castigo fisicamente o(a) meu/minha filho(a) como forma de o(a) disciplinar.', also followed by a 5-point Likert scale with radio buttons and labels 'Nunca' and 'Sempre'. At the bottom, there are icons for adding, deleting, and moving questions, as well as a 'Tr' icon and a list icon.

Questionário de Estilos e Dimensões Parentais

Perguntas Respostas Configurações Total de pontos: 0

Questionário de Estilos e Dimensões Parentais- Versão Reduzida

Este questionário avalia com que frequência atua de determinado modo com o(a) seu/sua filho(a). Por favor, leia cada frase do questionário e responda com que frequência atua desse modo com o(a) seu/sua filho(a).
Atuo desta maneira:
1 = Nunca
2 = Poucas vezes
3 = Algumas vezes
4 = Bastantes vezes
5 = Sempre

E-mail *

E-mail válido

Este formulário está coletando e-mails. [Alterar configurações](#)

1. Dou resposta aos sentimentos e necessidades do(a) meu/minha filho(a). *

1 2 3 4 5

Nunca Sempre

2. Castigo fisicamente o(a) meu/minha filho(a) como forma de o(a) disciplinar. *

1 2 3 4 5

Nunca Sempre

+

Tr

☰

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

3. Tomo em conta o que o(a) meu/minha filho(a) quer ou deseja antes de lhe pedir para fazer algo. *

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

4. Quando o(a) meu/minha filho(a) pergunta por que razão tem que obedecer, respondo: "Porque eu digo" ou "Porque sou teu/tua pai/mãe e quero que o faças". *

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

5. Explico ao(à) meu/minha filho(a) como me sinto quando se porta bem e quando se porta mal. *


Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

6. Dou uma palmada ao(à) meu/minha filho(a) quando ele(a) é desobediente. *

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

7. Incentivo o(a) meu/minha filho(a) a falar dos seus problemas. *

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre



A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

8. Acho difícil disciplinar o(a) meu/minha filho(a). *

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

9. Incentivo o(a) meu/minha filho(a) a expressar-se livremente, mesmo quando não está de acordo comigo. *

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

10. Castigo o(a) meu/minha filho(a) retirando-lhe privilégios com poucas ou nenhuma explicação. *

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

11. Saliento as razões das regras que estabeleço. *

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

12. Quando o(a) meu/minha filho(a) está chateado(a), dou-lhe apoio e consolo. *

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre



A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

12. 11. Saliento as razões das regras que estabeleço. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

13. 12. Quando o(a) meu/minha filho(a) está chateado(a), dou-lhe apoio e consolo. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

14. 13. Grito ou falo alto quando o(a) meu/minha filho(a) se porta mal. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

15. 14. Elogio o(a) meu/minha filho(a) quando se comporta ou faz algo bem. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

16. 15. Cedo ao(à) meu/minha filho(a) quando faz uma birra por qualquer coisa. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

17. 16. Enfureço-me com o(a) meu/minha filho(a). *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

18. 17. São mais as vezes em que ameaço castigar o(a) meu/minha filho(a) do que aquelas em que realmente o(a) castigo. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

19. 18. Tomo em conta as preferências do(a) meu/minha filho(a) quando faço planos familiares. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

20. 19. Agarro o(a) meu/minha filho(a) quando ele(a) é desobediente. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

21. 20. Dito castigos ao(à) meu/minha filho(a) mas realmente não os aplico. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

22. 21. Demonstro respeito pelas opiniões do(a) meu/minha filho(a) incentivando que as expresse. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

23. 22. Permito que o(a) meu/minha filho(a) dê a sua opinião relativamente às regras familiares. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

24. 23. Ralho e critico para fazer o(a) meu/minha filho(a) melhorar. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

25. 24. Estrago o(a) meu /minha filho(a) com mimos. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

26. 25. Explico ao(á) meu/minha filho(a) por que razões as regras devem ser obedecidas. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

27. 26. Uso ameaças como forma de castigo com poucas ou nenhuma justificações. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

28. 27. Tenho momentos especiais e calorosos com o(a) meu/minha filho(a). *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

29. 28. Castigo o(a) meu/minha filho(a) colocando-o(a) algures sozinho(a) com poucas ou nenhuma explicações. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

30. 29. Ajudo o(a) meu/minha filho(a) a perceber o resultado do seu comportamento incentivando-o(a) a falar acerca das consequências das suas ações. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

31. 30. Railho e crítico quando o comportamento do(a) meu/minha filho(a) não corresponde às minhas expectativas. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

32. 31. Explico ao(à) meu/minha filho(a) as consequências do seu comportamento. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

33. 32. Dou uma palmada no(a) meu/minha filho(a) quando se porta mal. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Nunca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sempre

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Anexo F

Guião de Entrevista Semiestruturado

1. Já tinha ouvido falar sobre modelos parentais antes desta entrevista?
2. Como se sentiu em relação à forma como foi criado por seus pais (modelo de educação parental adotado por eles)?
3. O que repetiria ou repete na educação que recebeu que considera valoroso para educar seu/sua filho(a)s?
4. O que não repetiria?
5. Considera que seus pais o/a ajudaram a desenvolver uma boa autoestima desde pequeno ou não? Pode me dar alguns exemplos de como eles agiam com você?
6. O que considera ser uma autoestima adequada?
7. Na sua opinião, o que contribui para uma pessoa ter elevada ou baixa autoestima?
8. Fez algum tipo de preparação (livros, blogs, vídeos, cursos, etc.) para exercer a parentalidade?
9. Sabe como agir para ajudar seu filho a desenvolver uma boa autoestima?
10. Costuma conversar com seu filho para saber sobre como está a autoestima dele?
11. Fez ou tenciona fazer algum tipo de preparação (livros, blogs, vídeos, cursos, etc.) para desenvolver competências parentais de modo a ajudar ao desenvolvimento da autoestima do seu filho?

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Anexo G

E-mail de Autorização de Utilização da Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES)

Sabrina Caldeira <sabrinacaldeirapsi@gmail.com>

segunda, 14/03, 10:07
(há 2 dias)

para psantos

Bom Dia Ex.mo. Prof. Doutor Paulo Jorge Santos,

Espero encontrá-lo muito bem nos tempos difíceis que estamos vivendo.

Sou Sabrina Guerreiro Caldeira, aluna do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde na Universidade Fernando Pessoa e estou sob a orientação do Professor Doutor Pedro Cunha (pcunha@ufp.edu.pt) em meu Projecto de pesquisa: "A percepção dos pais sobre a construção da autoestima dos filhos".

Para ser possível sua realização desejo utilizar em meu estudo a Escala de Autoestima de Rosenberg - *Self-esteem Rosenberg Scale* validação portuguesa para adultos (Santos, 2008).

Face ao exposto, venho por meio deste solicitar a autorização do autor para a utilização do instrumento anteriormente citado em minha investigação.

Para além da autorização, agradeço o envio do instrumento e a respetiva cotação.

Antecipadamente grata,

Sabrina Guerreiro Caldeira.

Pedido de autorização de utilização da RSES

Caixa de entrada



SAPO mail <pjsosantos@sapo.pt>

15/03/2022, 11:44
(há 1 dia)

para mim

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Cara Sabrina Caldeira,

Envio-lhe em anexo um formulário que lhe pedia para preencher e devolver para o email do qual lhe escrevo. Após a sua receção far-lhe-ei chegar o instrumento que pretende usar na sua investigação.

Cumprimentos

Paulo Santos

Faculdade de Letras
Departamento de Filosofia
Universidade do Porto
Via Panorâmica, s/n
4150-564 Porto

Sabrina Caldeira <sabrinacaldeirapsi@gmail.com>

10:20 (há 3
horas)

para SAPO

Ex.mo. Prof. Doutor Paulo Jorge Santos,

Muito obrigado pelo seu rápido retorno.

Envio-lhe em anexo o formulário preenchido.

Com os melhores cumprimentos,

Sabrina Guerreiro Caldeira.

Área de anexos



A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

SAPO mail

10:54 (há 2 horas)

Cara Sabrina Caldeira,

Na sequência da sua mensagem envio-lhe, em anexo, o instrumento solicitado e um pequeno manual de cotação do n comigo os resultados da sua investigação quando esta estiver concluída. Pedia-lhe ainda que não facultasse a ninguém. Em alternativa disponibilize o meu endereço de correio eletrónico. Terei muito prazer em ser, eu próprio, a enviar uma c

Com os melhores cumprimentos

Paulo Santos

Faculdade de Letras

Departamento de Filosofia
Universidade do Porto
Via Panorâmica, s/n
4150-564 Porto

Sabrina Caldeira <sabrinacaldeirapsi@gmail.com>

13:18 (há 15 minutos)

para SAPO

Ex.mo. Prof. Doutor Paulo Jorge Santos,

Muito grata pela sua resposta e seguirei as suas orientações.

Fico lisonjeado em partilhar meus resultados consigo e o farei assim que concluir o estudo.

Como os melhores cumprimentos,

Sabrina Guerreiro Caldeira.

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Anexo H

E-mail de Autorização de Utilização do Questionário de Estilos e Dimensões Parentais- Versão

Reduzida

Sabrina Caldeira <sabrinacaldeirapsi@gmail.com>

sexta, 11/03, 11:22
(há 5 dias)

para isabelm

Boa Tarde Ex.ma. Profa. Doutora Isabel Miguel,

Espero encontrá-la muito bem nos tempos difíceis que estamos vivendo.

Sou Sabrina Guerreiro Caldeira, aluna do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde na Universidade Fernando Pessoa e estou sob a orientação do Professor Doutor Pedro Cunha em meu Projecto de pesquisa: "A percepção dos pais sobre a construção da autoestima dos filhos".

Para ser possível sua realização desejo utilizar em meu estudo o Questionário de Estilo e Dimensões Parentais- Versão Reduzida: Adaptação Portuguesa do *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire- Short Form* (Miguel, I., Valentim, J. & Carugati, F. (2009).

Face ao exposto, venho por meio deste solicitar a autorização dos autores para a utilização do instrumento anteriormente citado em minha investigação..

Para além da autorização, agradeço o envio do instrumento e a respetiva cotação.

Antecipadamente Grata,

Sabrina Guerreiro Caldeira.

isabelm <isabelm@mail.upt.pt>

sexta, 11/03, 14:37
(há 5 dias)

para mim

A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Cara Sabrina Caldeira,

Antes de mais, agradeço o interesse manifestado no Questionário de Estilos e Dimensões Parentais. Pode, com certeza, utilizá-lo.

Os itens do questionário constam no anexo do artigo publicado na *Psychologica*, que envio em anexo. Para cálculo de cada um dos fatores (e subfactores, se isso lhe interessar) basta calcular a média dos itens que os compõem, conforme a Figura 1 desse mesmo artigo. Não é necessário proceder à inversão na cotação de itens.

Faço votos que a utilização do QEDP seja bastante produtiva. Se me conferir essa satisfação, gostaria depois de conhecer os resultados que obteve.

Com votos de um bom trabalho,
Cumprimentos cordiais,
Isabel Miguel

Isabel Miguel
isabelm@upt.pt
Professora Auxiliar, Departamento de Psicologia e Educação
Universidade Portucalense Infante D. Henrique

Área de anexos

Sabrina Caldeira <sabrinacaldeirapsi@gmail.com>

10:22 (há 3
horas)

para isabelm

Muito obrigado pelo seu rápido retorno e gentileza.

Com os melhores cumprimentos,

Sabrina Guerreiro Caldeira.

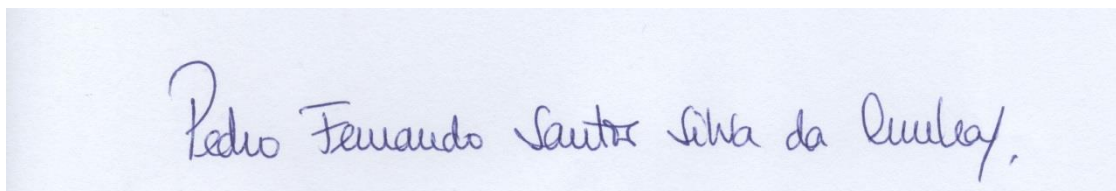
A percepção dos pais sobre a construção a autoestima dos filhos

Anexo I

Declaração de Aceitação do Orientador

DECLARAÇÃO DE ACEITAÇÃO

Eu, Pedro Fernando Santos Silva da Cunha, Professor Catedrático da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, Porto, declaro, para os devidos efeitos, que aceito orientar a Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, intitulada “A percepção dos pais sobre a autoestima dos filhos”, que será desenvolvida pela aluna Sabrina Guerreiro Caldeira.



Pedro Fernando Santos Silva da Cunha,

Prof. Doutor Pedro Cunha

Professor Catedrático

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Universidade Fernando Pessoa